

JORNAL DE 2^a FEIRA

JUNDIAÍ, 3 A 9 DE JANEIRO DE 1977 - ANO II - N.º 80 -

Cr\$ 2,00



EM SÃO BERNARDO DO CAMPO, A PEDIDO DO FUTURO PREFEITO, A JUSTIÇA NÃO DEIXOU QUE ELE FOSSE DISCUTIDO ÀS PRESSAS. EM JUNDIAÍ, OS PRÓPRIOS VEREADORES NÃO QUISERAM APROVÁ-LO AO FIM DOS SEUS MANDATOS. QUAL É O PROBLEMA COM OS PLANOS DIRETORES?

ESTÁ EM DISCUSSÃO O FUTURO DA CIDADE.

PÁG. 8 e 9

O PLANO DO SR. MALTA.

Na última quarta-feira a Câmara dos Vereadores discutiu, pela segunda vez, o Plano Diretor de Desenvolvimento Territorial de Jundiá, um calhamaço cuja primeira leitura revela uma realidade: as teses nele contidas são, na pior das hipóteses, bonitas. E difíceis de serem criticadas. Afinal, o autor é o arquiteto Cândido Malta Filho, um especialista em teses. E a época em que vivemos é uma época de teses bonitas — muita vezes até acobertando realidades não tão bonitas.

Diante disso, cabe a primeira pergunta: até que ponto, a partir dessas teses, se pode chegar a um planejamento conveniente à comunidade? Ou aplicável, dentro dos recursos de que essa comunidade dispõe? Uma coisa é reconhecer a por todos os urbanistas e até mesmo por leigos: todo agrupamento urbano é complexo, tem sua história, tem toda ordem de características próprias, e tudo isso deve ser respeitado pelo planejamento.

A forma mais correta de se atender a todos esses (e outros mais) pontos seria a consulta à comunidade, a participação de todos os setores interessados no levantamento das informações, na aferição dos dados coletados, na decisão a respeito dos rumos do desenvol-

vimento que se pretende dar à cidade, com vistas à melhoria da qualidade de vida.

Foi isso que aconteceu com o Plano do Sr. Malta? Nada. Tudo foi feito em segredo, por um arquiteto de fora. Uma legítima peça de laboratório, feita a portas fechadas. Outra especialidade, aliás, do governo a serviço do qual o arquiteto Cândido Malta trabalha.

Houve, contudo, uma alegação a favor desse trabalho feito às escondidas. Seria a maneira "de se evitar a especulação imobiliária", quer dizer, se todo mundo soubesse dos rumos que a equipe de técnicos estaria dando à cidade, todo mundo iria correr atrás de lucros com a compra de áreas que seriam futuramente favorecidas pelo "progresso".

Essa alegação não pode ser levada a sério por quem quer que tenha acompanhado as práticas anteriores, no que se refere aos "caminhos do progresso" definidos pela atual administração. Veja-se o exemplo do Sistema Viário. Dele, apenas as avenidas luxuosas tiveram prioridade de execução. No entanto, essa prioridade favoreceu, primeiramente, à toda-poderosa empreiteira Andrade Gutierrez, a favorita do prefeito (ou vice-versa?) e, em segundo lugar, aos caríssimos amigos e frequentadores do gabinete do corajoso alcaide. Falar

em "evitar especulação imobiliária", a esta altura da administração Cruz, somente se se tratar, ou de brincadeira, ou de arrependimento por atos praticados anteriormente. E nenhuma das alternativas deve ser levada a sério.

Fora das conjecturas, um dado já está claro, agora que o Plano Diretor chega ao conhecimento do público: muitas das obras propostas começam a receber sérias críticas, seja por sua inviabilidade, seja por se tratar de sonhos estratosféricos do autor do planejamento.

Mas as teses bonitas passam por cima disso tudo e vão além. Falam de "Zonas de Preservação", por exemplo, quando o que se assistiu, nas obras do Sistema Viário, foi a depredação da Serra do Japi para que dela fosse retirado o cascalho que substituiu a brita, na pavimentação das avenidas construídas pela Andrade Gutierrez, sob o nariz do planejador Cândido Malta e sob as vistas da população perplexa.

Como se vê, o Plano Diretor de Desenvolvimento Territorial da cidade é uma peça complexa e que deveria receber sérias análises, pelo menos na hora de se decidir por ele. No entanto, esse Plano é enviado às pressas, no final de um governo, para que os vereadores o discutam. Um procedimento que, novamen-

te, dá margens a conjecturas: estaria a administração que se encerra agora em janeiro tentando legitimar algum ato praticado fora da lei, como o da permissão de funcionamento da Concrebrás em área prescrita no Plano anterior como "área de recreação"? Somente o tempo responderá.

Em sua entrevista e este jornal, o autor do Plano Diretor faz questão de frisar um ponto a respeito do qual não admite críticas: "custou cerca de Cr\$ 500 mil, quando havia propostas de outros que custariam talvez Cr\$ 2 milhões. Podem falar o que quiserem do Plano, mas de seu custo não". Realmente, para uma administração que gastou o dinheiro público a rodo, como foi a atual, talvez Cr\$ 500 mil representem quase nada — muito mais foi gasto em publicidade nos jornais diários. Mas, se compararmos esse custo com as verbas que o prefeito destinou a setores importantes, como o do Colégio Técnico, ou como o do esporte amador, já não se vai achar que esse dinheiro tenha sido tão pouco assim.

Em todo o caso, cabe aos urbanistas da cidade, a palavra final a respeito dos detalhes desse novo Plano Diretor. A eles passamos a palavra e o espaço dentro do nosso jornal.

Equipe J2a.

CÂMARA SÓ VOTOU FELIZ ANO NOVO.

Na última sessão deste período legislativo os votos de boas festas, as despedidas dos vereadores não-reeleitos e muitas críticas ao asfalto da Andrade-Gutierrez ocuparam

o tempo todo do expediente, ficando para o próximo ano — e talvez a próxima Câmara — a discussão do projeto do Plano Diretor da cidade. Os vereadores, Abdoral

Alencar (MDB) e José Rivelli (Arena), contatados pela reportagem, deram a mesma justificativa para o adiamento: seria leviandade aprovar ou rejeitar um projeto que tantas implicações tem com o futuro da cidade. Projeto que lhes foi entregue com pouquíssimo tempo para um estudo mais aprofundado.

Dessa forma, tudo indica que os futuros vereadores serão os juizes do plano proposto para o desenvolvimento territorial de Jundiá. A menos que o prefeito convoque alguma sessão extraordinária durante o mês de janeiro, mês de recesso do Legislativo.

JORNAL DE 2ª

Propriedade da Editora Japi Ltda.
Rua Senador Fonseca, 1044 Tel: 434-8648
Redator Chefe: Carlos Veiga
Ilustração: Décio Denardi
Diagramação: Carlos Kazuo Inoue

ASSINE O JORNAL DE 2ª

Basta preencher os dados abaixo e enviar para a Rua Senador Fonseca, 1044 Jundiá

Nome:

Endereço:

Cidade: Estado:

Anual.....Cr\$ 120,00

Semestral.....Cr\$ 70,00

Anexe um cheque nominal a favor da Editora Japi Ltda.



Canto Chorado

TCHAU, PESSOAL!

Estou pendurando as chuteiras neste fim de ano. Retorno a meus penates. Vale dizer, outrossim, que volto ao pijama de onde, pelo que acabo de apurar, nunca deveria ter saído. De acordo.

Mas, não deixou de ser divertido. Bastante divertido. Dizem as más línguas que este "canto" foi o pelourinho de chupetas e sevandijas. Sei lá. O que sei é que por ano e meio vim botando casca de banana no caminho de muito cavalheiro de indústria.

Todavia, já não há o que fazer. Dir-se-á que me vou, vitimado pela caquexia. As sátiras que faziam o prato predileto da minha mesa, deixaram de existir.

Aqueles acrílicos do chamado primeiro escalão, que o Pereira puxou pelos flácidos testículos, já não são comensais da Paulicéia, do Balaio e do Haíti. Já não se fazem mais concorrências fajutas como aquelas que se marcaram indelével nos fastos de nossa história. Já não se propõe mais troca de terrenos à base de 4x1, como se fosse marmelada da Cica.

Enfim, encurtando este papo — já não há mais o que fazer.

Apagaram-se as luzes das gambierras. Fecharam-se as cortinas do proscênio. Lá comédia é finita. O Pereira foi um vendaval que passou.

Sem toques de clarim
Sem rufos de tambor
Vou-me afinal

Adeus, amigo
Good bye, leitor
Tchau, pessoal

Simão

É PRECISO CONHECER O PASSADO.

"Na qualidade de comandante supremo, sinto-me no dever de também alertar-vos contra as mesmas e eternas manobras dos pescadores de águas turvas e ambiciosos vulgares, os quais já começam a rondar os quartéis como vivandeiros impenitentes — assim os qualificou, em outros tempos, o grande presidente Castelo Branco — buscando, aqui e ali, despertar aspirações e estimular ambições, dessa forma espalhando a cizânia, a desconfiança, a discórdia, capazes de enfraquecer, pela desunião que propagam, a estrutura militar".

"Tempo há, bastante ainda, para que se venha a cuidar, na hora própria, do problema sucessório, de significação capital para o futuro da Nação. Açodamentos ditados por interesses egoístas de indivíduos ou grupos — interesses, em alguns casos, até mesmo inconfessáveis — servem apenas para perturbar a vida nacional e frear o progresso do País".

"Confio plenamente em vossa esclarecida percepção, a cada momento, da realidade nacional, na fortaleza de vosso espírito militar e no devotamento provado de vosso patriotismo, certo de que do campo das Forças Armadas não partirão nem ambições, nem reações que venham a comprometer o sempre delicado processo de sucessão presidencial, que a mim — pela posição em que estou situado e pela responsabilidade que me foi conferida — caberá conduzir no seu justo e devido tempo".

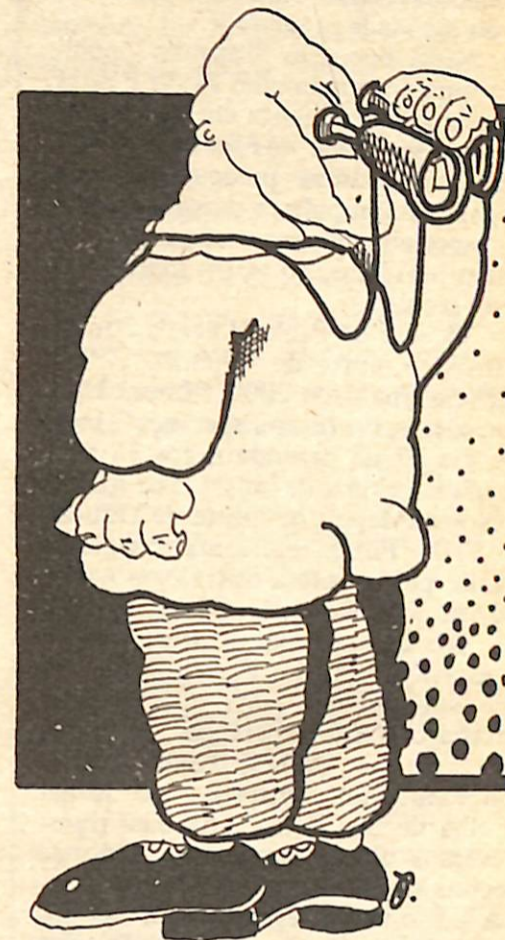
Essa severa advertência do presidente Geisel, contida no discurso durante o almoço que as Forças Armadas lhe ofereceram, há pouco mais de uma semana, pegou de surpresa até mesmo os mais atentos observadores da vida política nacional. E tão grande quanto a surpresa de políticos, jornalistas e todos os que não têm acesso direto aos meandros do poder, foi a repercussão do discurso junto a esses mesmos setores.

Durante dias seguidos o assunto esteve no alto das páginas dos jornais, em declarações de parlamentares dos dois partidos, em editoriais ou em análises de comentaristas políticos.

Em quase todas essas manifestações, um ponto comum: estavam coalhadas as dúvidas. A quem estaria se dirigindo o presidente? Que, ou quais setores, teriam provocado a advertência, levantando antes do tempo a questão da sucessão? A própria imprensa? E quem seriam as "vivandeiros" a rondar os quartéis? Como identificar os "indivíduos ou grupos" citados pelo presidente?

Parece difícil que as respostas surjam a curto prazo. Mais provável é que isso só aconteça com o tempo. Talvez até mesmo "no seu justo e devido tempo", como advertiu o presidente.

De qualquer maneira, para quem gosta de acompanhar o noticiário político, e raciocinar sobre os fatos, causas e consequências, sugiro uma



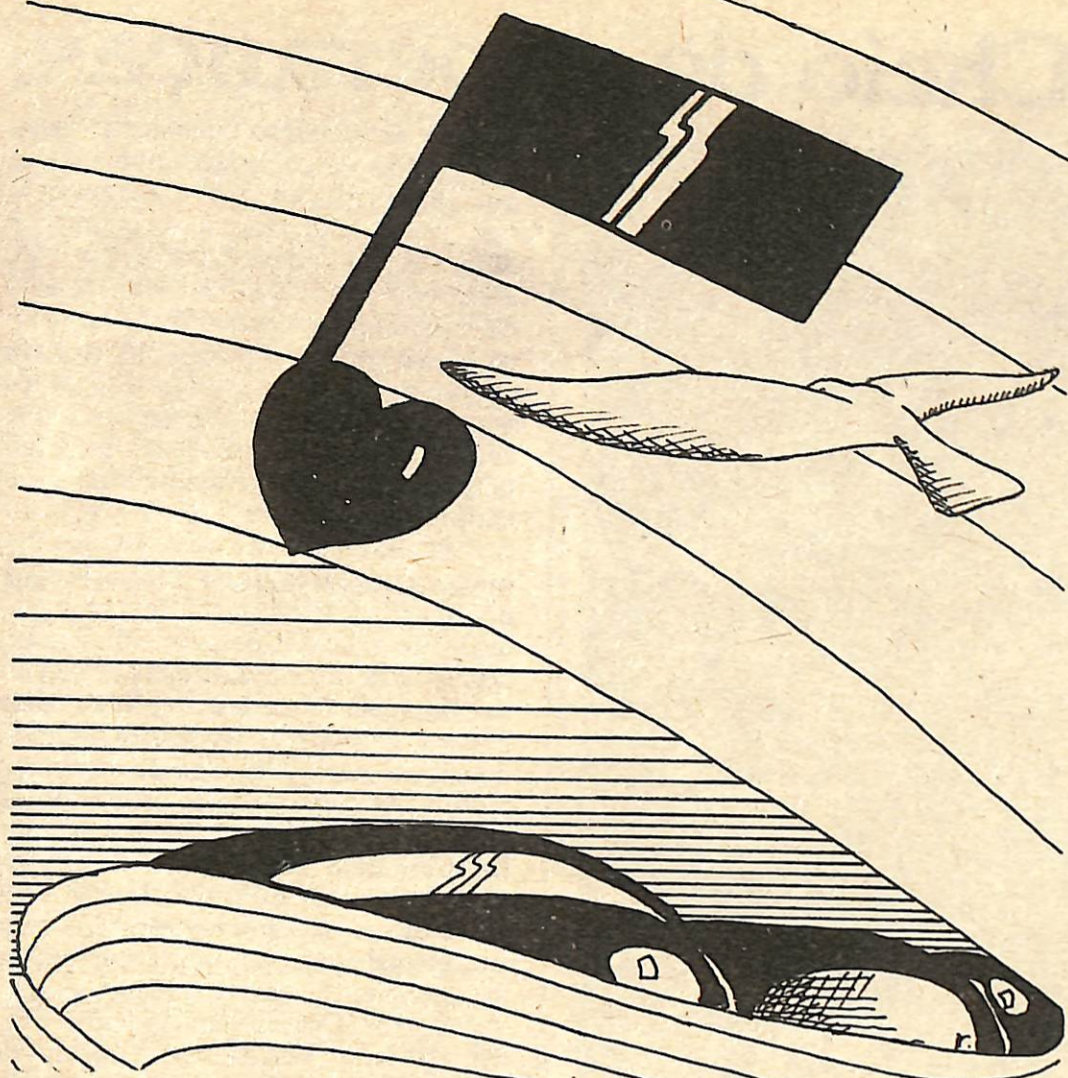
rica e interessantíssima fonte de informações: o passado.

O passado recente, por exemplo, precisa ser melhor conhecido por quem pretende entender, e compreender, o presente.

Por exemplo: o livro "O governo Castelo Branco", do senador Luís Viana Filho, ex-chefe da Casa Civil de Castelo e ex-governador da Bahia. É um trabalho esclarecedor e muito importante. Por ele pode-se compreender, por exemplo, todo o complicado processo da sucessão do próprio Castelo Branco por Costa e Silva. E nele se descobre como e quando o presidente Castelo referiu-se pela primeira vez às "vivandeiros" citadas no discurso do general Geisel.

Foi quando Castelo Branco aceitou, depois de muita relutância, de violentos ataques do então governador Carlos Lacerda, e depois da aprovação do Congresso, a prorrogação de seu mandato. Castelo redigiu uma nota para comunicar sua decisão à Nação. Conta Luís Viana Filho:

Entre o que escrevera e o que leu, omitira (Castelo) pequeno trecho, por sugestão do general Geisel e do coronel Meira Natos, pois dele se poderia inferir alusão a Lacerda. Era uma réplica aos que falavam em conluio da politicagem e em pressões militares para alcançar a prorrogação. O presidente escrevera textualmente: "Identifico todos os acusadores. São quase os mesmos que, de 1930 para cá, têm ido aos bivouacs dos granadeiros, como alvoroçadas vivandeiros, provocar extravagâncias do poder militar". Ao cortar a frase, o presidente comentara: "Eles sempre passaram ao largo do meu portão". Jamais com eles se encontrara



"Gotas de Ouro"

(Dedicado a Ernesto Nazareth e à sua madrastra e cunhada Dona Juliana Meirelles Nazareth)

"Para onde vamos?"

"Um lugar bom". Era assim que ele sempre se expressava. Sumariamente, usando palavras comuns, aparentemente vagas, mas que ganhavam um sentido essencial quando ele as pronunciava. Como elas devem ter sido pronunciadas pela primeira vez, quando alguém as inventou — essa era a idéia que dava. O que era "um lugar bom"? Ela sabia, era qualquer parte onde eles pudessem ficar sozinhos consigo mesmos, sem os receios de serem vistos, sem aquela sensação horrível de estarem sempre cometendo algum "pecado" pelo simples fato de estarem juntos.

Ela evitou pensar nisso. Tocou o carro em direção a um posto de gasolina, encheu o tanque e dirigiu em direção à estrada estadual, sem destino, mas na certeza de que encontraria um "lugar bom".

Mal o automóvel começou a ganhar velocidade no asfalto da rodovia ele apertou o botão do rádio. "Ame-o e deixe-o/livre para amar". Eram os doces baianos cantando, cada um, um dos verbos da canção. Ele cantarolava junto, sabia a letra de cor.

Ela pensou em perguntar que música era aquela, mas teve medo. Talvez fosse uma das que estão nas paradas de sucesso, essas que todos os jovens cantam de cor e que ela desconhecia pela simples razão de não acompanhar as paradas de sucesso. Não, não era isso. Na verdade, o fato é que ela não era jovem. Na verdade, tudo aquilo era absurdo, aqueles encontros, os "lugares bons", tudo aquilo não tinha sentido — a não ser por uma coisa: ela o amava. Amava muito, como nunca amara ninguém. Amava-o apesar de todas as diferenças.

"Ame-o e deixe-o/ livre para amar". Ele e os baianos cantavam juntos. Eles, os jovens. E até a letra da canção deixava clara outra diferença. Ele pensava como a letra da música, ele agia como a letra da música. Letra e música de um novo tempo, do tempo dele. Ah, meu Deus, as referências de-

la eram outras, de outros tempos, outras músicas. Outro amor?

Talvez sim. Ela era possessiva, tinha ciúmes, já falara a respeito disso com ele. E ele compreendia, achava certo, gostava mesmo quando ela lhe falava disso, tornava-se mais amoroso, mais dela. Mas pensava e agia e cantava diferente. E ela o amava, amava muito.

O rádio tocou um "rock", ele apertou o botão e desligou. Chegou mais para perto dela, sorriu, pousou a mão sobre a mão dela na direção, suavemente.

"Mas, se tu passas por mim/ Cheia de orgulho e de graça/ Teus pés no chão/ Parecem rosas pisar". As referências dela eram outras, outras músicas, outros tempos. "Como que por um instinto divino", ele tirou a mão da mão dela e passou o braço pelos seus ombros. Sorriu o seu sorriso alegre, reclinou a cabeça no pescoço dela e balbuciou: "Meu amor".

Era assim que ele sempre se expressava. Sumariamente. Com palavras comuns. Mas que pareciam estar sendo faladas como no dia em que foram inventadas.

Ela sentiu derreter-se por dentro, tomada de ternura. E, de repente, tudo começou a ter sentido. Os "lugares bons" tinham sentido, sim, não havia pecado nenhum, nada era absurdo, nada era diferente. E ela começou a beijar os cabelos dele, a beijar, a beijar.

O resto foi tudo muito repentino: o carro saindo da faixa, a tentativa de recolocá-lo no lugar, a curva sem visibilidade, a grade rompendo-se no choque com o veículo, a queda pela ribanceira.

Automóveis pararam, caminhões pararam, gente desceu para socorrer.

Alguém lá de cima perguntou como estavam as vítimas. Alguém lá de baixo gritou:

"O garoto ainda está vivo. A mãe está morta"

Erazê Martinho

Morreu Paulo Pontes. Cheio de esperanças.

Logo que foi editada, comprei "Gota D'Água", a peça de Chico Buarque feita em parceria com Paulo Pontes. E levei muito tempo para terminar de ler o texto porque me demorei demais na leitura e releitura da apresentação do livro, um trabalho espetacular do co-autor Paulo Pontes, numa das perfeitas colocações do problema da intelectualização brasileira diante da nossa realidade presente.

Nessa época, o "Pasquim" publicou uma entrevista com Paulo Pontes, uma extensa entrevista em que se percebia a seriedade dos seus pontos de vista, sua enorme preocupação com os aspectos populares da arte brasileira, especialmente sua visão crítica do teatro brasileiro, "o teatro mais pobre deste século".

Vicente de Paulo Holanda Pontes, teatrólogo, autor de "Opinião", "Um Edifício Chamado 200", "Check Up". "Brasileiro, Profissão Esperança", morreu dia 27 de dezembro, aos 36 anos de idade, vítima de câncer. Sua morte, dois anos depois da morte de Oduvaldo Viana Filho, representa a segunda grande perda para a teatologia nacional, na opinião unânime da crítica.

Seis dias antes de morrer, quando já estava hospitalizado depois de ter sido submetido a uma operação do estômago (sem esperanças de cura, conforme se soube), Paulo Pontes concedeu uma entrevista ao jornal "Folha de São Paulo", da qual transcrevemos alguns trechos, ao lado de trechos da introdução de "Gota D'Água". É o nosso registro e a nossa homenagem ao brasileiro Paulo Pontes, um profissional da esperança.

DA ENTREVISTA À "FOLHA"

Pergunta: Paulo Pontes, como você vê a situação do teatro brasileiro hoje, quais as principais tendências que estão aparecendo no horizonte da atividade teatral brasileira?

Paulo Pontes: (...) A gente está fazendo no Brasil hoje, o teatro mais pobre deste século. Quando eu digo pobre, eu digo pobre de identidade, pobre de vida brasileira, pobre de reflexão sobre a vida brasileira. E isto é um quadro anômalo na história do teatro brasileiro, pelo menos neste século. Nós temos, na primeira fase do teatro brasileiro, dominado pela comédia de costumes na década de 40, que, se não é muito profundo do ponto de vista ideológico, ele é pelo menos muito crítico. A matéria prima desse teatro é a vida brasileira, é o homem da rua, os problemas do cotidiano, e esse teatro fez uma safra de comediantes de grande poder de comunicação e a gente pode atribuir essa qualidade excepcional desse comediante, do começo do século até a década de 40, ao fato de que ele tinha um público com cara e fisionomias definidas. E ele ia se apropriando dos sinais desse público.

A fase seguinte, que é a fase a partir da década de 50, quando o país está debatendo aquele processo de substituição de importações, ganha dinamismo novo com Juscelino. As forças sociais estão em debate, o país tem uma Constituição liberal, a de 46; nesse período que vai dos anos 50 até 64, nasce a safra mais importante de dramaturgos brasileiros e nós temos um teatro que continua a fazer da vida brasileira a sua matéria-prima, mas agora de forma mais aprofundada. Agora a vida brasileira já não dá gran-



des comediantes, mas dá grandes dramaturgos. Nos dois períodos há uma coisa comum, que é a matéria-prima, a vida brasileira, seus costumes.

A terceira fase é esta que estamos vivendo agora, quando há uma intervenção muito aguda da censura no processo criador, e que estrangula imediatamente a dramaturgia, o texto, a peça escrita. Nessa terceira fase a tendência é a perda da substância social, de vida brasileira no discurso dramático. E apesar do texto ter sido censurado, do texto claro ter transitado difícil, o espetáculo brasileiro se enriqueceu nesta última fase: a cenografia se enriqueceu; os artistas procuraram outros elementos expressivos no corpo do ator que não apenas a voz, o diretor passou a ocupar o primeiro plano na hierarquia de criação teatral; tudo como decorrência imediata do cerceamento do texto. Então, o teatro se preocupou em descobrir novos sinais, um novo código, uma nova sintaxe do espetáculo, que permitissem aos artistas continuarem falando numa linguagem que não fosse facilmente detectada pela censura. E então evoluímos do ponto de vista do espetáculo, e agora nesta terceira fase já não temos nem grandes comediantes nem grandes dramaturgos, mas sim grandes diretores e grandes cenógrafos (...) É um teatro apartado, separado, seccionado da vida, dos grandes temas, dos grandes problemas do homem brasileiro de hoje.

Pergunta: (mais adiante a respeito do sucesso de público de "Gota D'Água"): E você se sente um autor privilegiado de escrever uma peça toda ela rimada, toda ela em verso e ser aceita com absoluto entendimento pelo público?

Paulo Pontes: Eu me sinto privilegiado, mas eu vou dizer uma coisa realmente cabotina: eu mereço esse troço, eu mereço. Eu mereço porque eu nunca entrei no falso caminho do elitismo que está aí. Eu nunca entrei. Eu vi o vanguardismo que está aí com olhos profundamente suspeitos. Vi e nunca embarquei. Escrevi para TV Tupi, escrevi para o programa "Lé com Lé, Cré com Cré", eu escrevi em rádio, escrevi piada humorística, eu dei idéia de novela, eu fiz comé-

dia de costumes, eu trabalhei em cervejaria, eu trabalhei em buate, compreendeu? Do jeito que eu sou hoje. Então eu mereço isso. A pessoa que tinha que encontrar esse caminho era eu. E vou te dizer: uma parte do teatro brasileiro vai ocupar esse espaço. E outra parte vai se incompatibilizar com esse fenômeno porque é teatro vagabundo, é populacho, é populismo, e vai continuar fazendo especulações intelectuais ao nosso.

DA APRESENTAÇÃO DE "GOTA D'ÁGUA"

"Este sempre foi um país dependente. A nossa história tem sido, também, a história dos conflitos entre as diversas matrizes e os interesses legítimos, nacionais, que se foram criando aqui. Ao longo dessa história correram, paralelas e quase sempre isoladas uma da outra, duas culturas: uma elitista, colonizadora, transposta da matriz para cá; a outra, abafada, nascida da existência social-concreta das classes subalternas. A cultura da elite nunca foi capaz de penetrar profundamente, até as bases da sociedade, nem foi capaz de assimilar os valores da cultura popular, fundamentalmente porque a economia brasileira, que se desenvolve sempre num quadro de dependência, em nenhum momento foi capaz de incluir, ativamente, em seu processo, as amplas camadas inferiores da população. Entre os dois pólos, as camadas médias desenvolveram, sempre, um movimento pendular. Muitas vezes divididas, quase sempre tributárias dos interesses das classes dominantes, mas em alguns momentos, próximas das classes subalternas, as camadas médias tem sido o fiel da balança, na correlação de forças políticas. Uma economia dependente, de feição pré-capitalista que, além de excluir as camadas inferiores, relegava setores qualificados das populações urbanas e uma posição parasitária, estimulava essa oscilação no interior das camadas médias. A partir da chamada política de substituição de importação e, sensivelmente, com a implantação do modelo atual, que acelera brutalmente a modernização do tecido produtivo, é que o capitalismo começa a

atribuir uma função dinâmica às camadas médias da sociedade, numa escala que privilegia os melhores quadros que vão surgindo. A economia é cada vez mais dependente e, por isso, cada vez mais seletiva. Mas há algo de politicamente diabólico no processo de seleção posto em prática: em cem, assimila trinta; só que os trinta são os mais capazes. O que acabou foi a incapacidade, pré-capitalista, que essa economia tinha de cooptar os melhores.

Se é certo que não há (ou há muito pouca) tradição revolucionária no Brasil, é nítido que havia uma tradição de rebeldia nascida e alimentada nos setores intelectualizados da pequena burguesia brasileira (profissionais liberais, estudantes, escritores, artistas, políticos, etc). Em épocas distintas, e com matizes diversos, os contornos dessa linha de tradição podem ser traçados com nitidez: vem de Gregórios de Matos e Plínio Marcos; está em Castro Alves, mas também está em Augusto dos Anjos; ela está madura, consciente, em Graciliano, e corrosiva, em Oswald de Andrade; está em Caetano Veloso, mas também já esteve em Noel Rosa; esteve em 22, e também no Arena, no Oficina, no Opinião e no Cinema Novo, para citar apenas nomes e movimentos ligados à arte. A ironia, o deboche, a boêmia, a indagação desesperada, a anarquia, o fascínio pela utopia, um certo orgulho da própria marginalidade, o apetite pelo novo são algumas marcas dessa nossa tradição de rebeldia pequeno-burguesa. Hoje é possível perceber que essa rebeldia era fruto de incapacidade que os diversos projetos colonizadores sempre tiveram em assimilar amplos setores das camadas médias e dar-lhes uma função dinâmica no processo social. O que estava reservado ao intelectual pequeno-burguês antes do período a que estamos nos referindo? O jornalismo mal pago, o funcionalismo público, uma cadeira de professor de liceu, o botequim, a utopia, a rebeldia. Por falta de função ele era posto à margem. Até muito pouco tempo eram muito poucas as opções do estudante universitário — tudo era criado fora, o carro, a geladeira e a ideologia. Assim, o sistema econômico não tinha como assimilar a capacidade criadora dos melhores quadros da pequena burguesia que ficavam colocados, perigosamente, no limite da rebeldia. O que acontece agora, inversamente, é que a radical experiência capitalista se faz aqui começa a dar sentido produtivo à atividade dos setores intelectualizados da pequena burguesia: na tecnocracia, no planejamento, nos meios de comunicação, na propaganda, nas carreiras técnicas qualificadas, na vida acadêmica orientada num sentido cada vez mais pragmático, etc. O disco, o livro, o filme, a dramaturgia, começam a ser produtos industriais. O sistema na coopta todos porque o capitalismo é, por natureza, seletivo. Mas atrai os mais capazes".

Paulo Pontes estava criando, em nova parceria com Chico Buarque, a peça "O dia Em que Frank Sinatra Veio ao Brasil", um musical, que talvez você nunca vá ver.

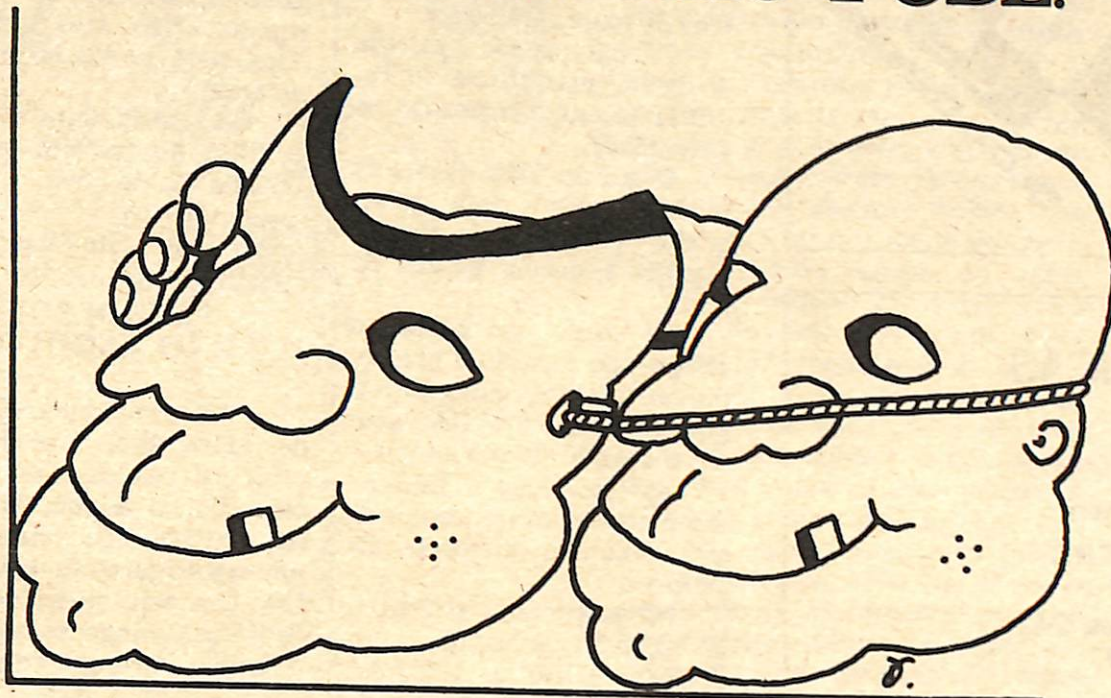
Mas você pode ver ou ler "Gota D'Água": a peça continua sendo encenada; o livro está a venda aqui em Jundiá, na Livraria Anhanhuera. A editora é a Civilização Brasileira. (E.M.)



BOI VOADOR NÃO PODE.

"Quem é você, diga logo que eu quero saber", era o que todos cantavam no início daquele baile de máscaras de um clube frequentado pelo high-society de uma cidade do interior.

Meses antes desse baile já existia um clima de festa entre os participantes. Todos estavam entusiasmados e preocupados em confeccionar fantasias melhores que a de todos os sócios. Madame da Silva, por exemplo, mandou vir de Paris suas plumas e paetés para fazer sua fantasia de "Falena Deslumbrada". Sem dúvida essa lagarta alada deu muito o que falar durante o baile. Os que já a conheciam e simpatizavam com ela achavam que a fantasia era a mais bonita da festa e que combinava bem com a figura da pessoa em questão já que Madame da Silva era muito alegre e jamais tinha feito mal a uma mosca. As outras pessoas que não simpatizavam tanto assim com ela, achavam que tinha muita cor e muito brilho para alguém que nem sequer tinha aparecido nas colunas sociais dos jornais locais. Comentavam "ela quer chamar a atenção, só isso". (Convém lembrar que Madame da Silva é recém-



chegada ao grupo mas que já está participando ativamente de chás e jantares beneficentes como é de bom tom fazer).

E o baile continuava, e, tantas pessoas conhecidas, pelos jornais, ou não, iam aparecendo a cada volta no salão.

"Tanto riso, oh, quanta alegria", repetia aquele senhor fantasiado de Ur-

so Branco. Comentava-se que a pele era de urso legítimo vindo dos pólos, porque "o dinheiro que a sua firma lhe rende dá para comprar tantos ursos quantos ele queira".

"De caneco, em caneco, olha aí, lá se foi mais um barril", cantava o rapaz de calças curtas, suspensório e chapeuzinho enfeitado com uma pena.

A sua fantasia também tinha seu valor, apesar de simples. Ele a tinha comprado na Alemanha, semana passada, com o dinheiro que ele "descola do velho" todo mês. E lá seguia ele abraçado à sua garota, uma "indiazinha" que entoava "prá ver Ceci, beijar Peri". Ela também era filha de uma família tradicional da cidade, e todos lhe perguntavam onde ela tinha conseguido aquela legítima roupa de índio, Sioux, talvez. E ela respondia satisfeita: "Tranças do papai com Marlon Brando".

E a cada volta no salão deparava-se com uma fantasia diferente. Os que não dançavam especulavam sobre os preços e as origens de cada vestimenta. E assim, com muita animação, seguia aquela festa glamourosa, até que, e ninguém, pode explicar como, entra destoando no salão um jovem de chuteiras, meias, calção preto e camiseta branca cantando "Doutor eu não me engano, meu coração é corintiano".

Indignados todos, um a um, foram saindo. Em casa despiram suas fantasias e vestiram suas máscaras do dia-a-dia.

Vera Vaia

XEROX
também
e com o
FOTO
ZEZINHO
ROSÁRIO 523 FONE 6 3795

NOVIDADES
Charme
CALÇADOS
ROSA RIO. 626



**RELOGIOS DE PONTO
ROD-BEL**

REVENDEDOR AUTORIZADO
**COMERCIAL PANIZZA
LTDA**

BARAO-427 FONE-6-8231



**"QUE A LÍNGUA
DE JUNDIAÍ O PERSIGA"**

O "Jornal de 2a." está procurando, entre os consagrados "faladores" desta terra, aqueles que gostam de escrever.

E vai premiar com 5 mil cruzeiros os três melhores "contadores de ca-

so" reais ou imaginários.

Mande seu conto para

**I CONCURSO DE
CONTOS DE JUNDIAÍ**

Uma promoção do "Jornal de 2a.", feita

com o objetivo de incentivar novos valores e estimular a literatura em Jundiaí.

Maiores detalhes pelo telefone 434-8648, ou à Rua Senador Fonseca, 1044.

SAUNA CENTER

Sauna - Ducha completa - Banho de parafina - Forno de Bier - Massagens - Ginásticas - Limpeza de pele - Depilação - Manicure e Pedicure.

HORÁRIOS

Cavalheiros: 2a., 4a. e 6a., das 14 às 22 h
Sábados - das 9 às 22 h.
Senhoras: 3a., 5a., das 14 às 22 h

Rua Marechal Deodoro da Fonseca, 495.

A ASTRA existe para que não existam banheiros mal decorados.

AS TAMPAS PLASTICAS, ARMARIOS DE PENDURAR
E ARMARIOS DE EMBUTIR QUE A ASTRA FABRICA, DECORAM
DISCRETAMENTE O SEU BANHEIRO



Rua Colégio Florence, 59 - tel: 434-6398,
434-6598 e 434-6798.

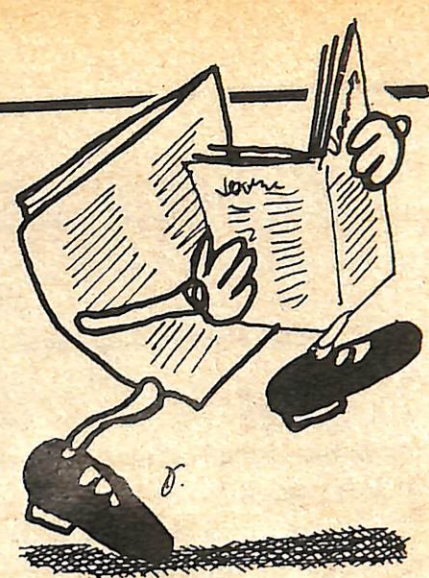
Tercos
Desenhos
Autógrafos
Logótipos
Folhetos
Cartazes
Comunicação Visual

Rua Dos Bandeirantes, 625
Fone 6-9095 Jundiá

DECIO DENARDI



ZONA FRANCA



RUA DA CRÔNICA

O Pedro chama a rua da feira de rua da União.

O Tião que não é parente do Pedro mas chama do Pedro de primo, a chama de rua da Saudade.

O pai de Tião chama de rua da Maldade, mas o negrinho que mora na rua do Cortiço a chama de rua da Farra.

O Gordo que há muito tempo não é gordo e que conheceu o Pedro antes do Negrinho conhecer o Tião, deu-lhe o apelido de rua do Povo.

Na terça feira o Tião recebeu pagamento e comprou uma bola no mercado do Centro.

Na quarta feira, o Tião, o Pedro, o Negrinho, um outro Pedro, o Dito e o Gordo, foram jogar bola na rua da feira.

Na quinta feira o Dito avisou o Baiano, o Baiano avisou um terceiro Pedro, e foram todos jogar bola na rua da Saudade.

Na sexta feira, quando todo mundo estava jogando bola na rua do Jogo, vieram avisar um tal de Daniel que a tia dele tinha morrido. Mas ele continuou jogando bola na rua da Maldade.

No sábado às 14 horas passou uma viatura da polícia e proibiu o jogo de bola na rua da Farra. As 14 e 50 a viatura voltou e foi buscar mais viaturas. As 15 e 30 estava a maior briga na rua do Pedro. As 16 horas ninguém conseguia passar pela rua da Briga.

No domingo choveu o dia todo.

Na segunda feira teve feira na rua da Farra.

Na terça feira cedo, os jornais anunciavam que na última sexta feira um carro amarelo parou em frente ao mercado do Centro e levou todo o dinheiro do sr. Armando. Não teve uma viatura para perseguir o carro amarelo.

Na quarta-feira só tinha o filho do prefeito jogando bola na rua do Povo.

João Leite Filho

PETRÓLEO? NÃO, ESGOTO.

"Segunda-feira, dia 27 de dezembro, passei pela principal rua da Vila Aparecida. Pouco depois da padaria, sentido cidade-bairro, há um esgoto jorrando em plena rua. Um mau cheiro danado. Será que ninguém vê isso? Aparício Antonio Fernandes

Vê e sente, Aparício.

AH, A RUA CARLOS GOMES...

"A rua Carlos Gomes..."
Waldemar

Já sabemos, Waldemar, já sabemos. O que você quer que a gente faça?



PROIBIDO PROIBIR

Venho através desta informar a V.Sa. que no dia 27 deste mês, ao procurar o Jornal de 2a., em uma banca de jornais na Estação Rodoviária, fui informado que é proibida a venda do Jornal de 2a., por ordem do administrador. Não acreditei na tamanha safadeza do sr. administrador, e procurei outra banca (na rodoviária existem 3 bancas), mas por falta de sorte, aconteceu o mesmo. Procurei então na terceira banca, nesta sim, encontrei, mas a pessoa me informou que só vende o Jornal de 2a. escondido porque o administrador proíbe a venda.

Agora eu pergunto: por que ele não proíbe as revistas pornográficas que são expostas ao público? Por que não proíbe os murais mentirosos do sr. Ibis Cruz nos quais dizia que Jundiá é a cidade progresso? Há sim é que o Jornal de 2a. não aceita o jogo do sr. Ibis Cruz, é que só fala a verdade. Nota 0 para você. Paulo Mamedic (cantor e compositor)

JUNDIAI CLÍNICAS



Locais de atendimento
UNIDADE CENTRO

Rua Siqueira de Moraes, 242
Fones: 4-1067 e 4-1777

UNIDADE VILA ARENS

Rua Frei Caneca, 162
Fones: 6-3260 e 6-8248

UNIDADE PRUDENTE

Rua Prudente de Moraes, 1372
Fone: 6-6964

UNIDADE DE ABREUGRAFIA

Rua Prudente de Moraes, 1372
Fone: 6-6964

UNIDADE CAMPO LIMPO

Av. Manoel Tavares da Silva, 495
Campo Limpo Paulista

HOSPITAL
SANTA RITA DE CASSIA

Praça Rotatória, s/n - J. Messina
Fone: 4-1666

OS BONS IMÓVEIS ESTÃO AQUI

CASAS

Rangel Pestina - Térrea, sala em "L", lavabo, jardim de inverno, 3 dormitórios com armários, 2 banheiros sociais, garagem lavanderia, dependência de empregada. Cr\$ 1.300.000,00. Oferta Central de Imóveis.

Anhangabaú - Fina residência, sala, 3 dormitórios com armários, uma suite, garagem, copa-cozinha, banheiro, salão de festas, dependência para empregada, ótimo acabamento. Cr\$ 700.000,00. Oferta Central de Imóveis.

Jardim Brasil; Nova, com 3 dormitórios todos com armário sendo: 1 tipo suite, banheiro social, sala de estar, sala de jantar, sala de TV, cozinha, 1 comodo para despejo com armário, lavanderia, varanda externa, dependência para empregada, quintal, canil,

aquecedor central armários externos, etc...
Oferta: Ribeiro

Parque do Colégio - Jardim frontal, sala, 3 dormitórios com suite e closet, lavabo, copa-cozinha, banheiro social, lavanderia, dependência para empregada, garagem para seis carros. Cr\$ 800.000,00. Oferta Central de Imóveis

Rua Pirapora - Casa térrea, cozinha e banheiro. Ótima localização. Preço: Cr\$..... 250.000,00 à vista. Ver e tratar à rua Pirapora, 214, (ao lado do Anchieta) na parte da manhã.

Anhangabaú: Nova, moderna, bem localizada, 3 dormitórios, 1 tipo suite, 2 banheiros sociais, copa, cozinha, lavabo, sala, área de serviço, dependência para empregada e quintal. Oferta Ribeiro.

Parque do Colégio: Nova, com 3 dormitórios, 1 tipo suite, banheiro social, abrigo, jardim, sala com lareira, sala

de jantar, lavabo, cozinha, área de serviço, mais 1 banheiro completo, aquecedor central, dependência para empregada e quintal.

Oferta: Ribeiro.

SÍTIOS E CHÁCARAS

Caxambu: com 2 alqueires e meio, ótima topografia, 2 águas correntes, nascente, meio alqueire de mata. Ocasão. Oferta: Ribeiro

Engordadouro: com 4 alqueires e 3/4, excelente para Clube de Campo, com casa sede, casa para caseiro, nascente, poço artesiano, 2 alqueires de mata, pomar. Preço de Ocasão. Oferta: Ribeiro.

Caxambú - Linda chacara, com 1 alqueire formada, casa sede nova, casa de caseiro, correjo, bosque natural, pomar, etc... Oferta: Ribeiro

Malota - magnífica chácara, 5.000 m2, entrada majestosa, vivenda estilo "clássico", três dormitórios, 1 suite, vestíbulo duas amplas salas, lareira, cozinha moderna e funcional, banheiro, tudo com armários embutidos, carpete, dependência para empregada. Cr\$... 1.800.000,00 (977). Oferta Central de Imóveis.

Nova Era - chácara maravilhosa, 2,5 alqueires, excelente vivenda, sala ambientes, 3 amplos dormitórios, 2 banheiros, garagem, piscina com filtro, 20.000 m2 de gramado, pomar, dois lindos lagos, fino trato, casa de caseiro. Cr\$... 2.500.000,00 (1.230) Oferta

Central de Imóveis

OS BONS CORRETORES ESTÃO AQUI

**RIBEIRO
IMÓVEIS**

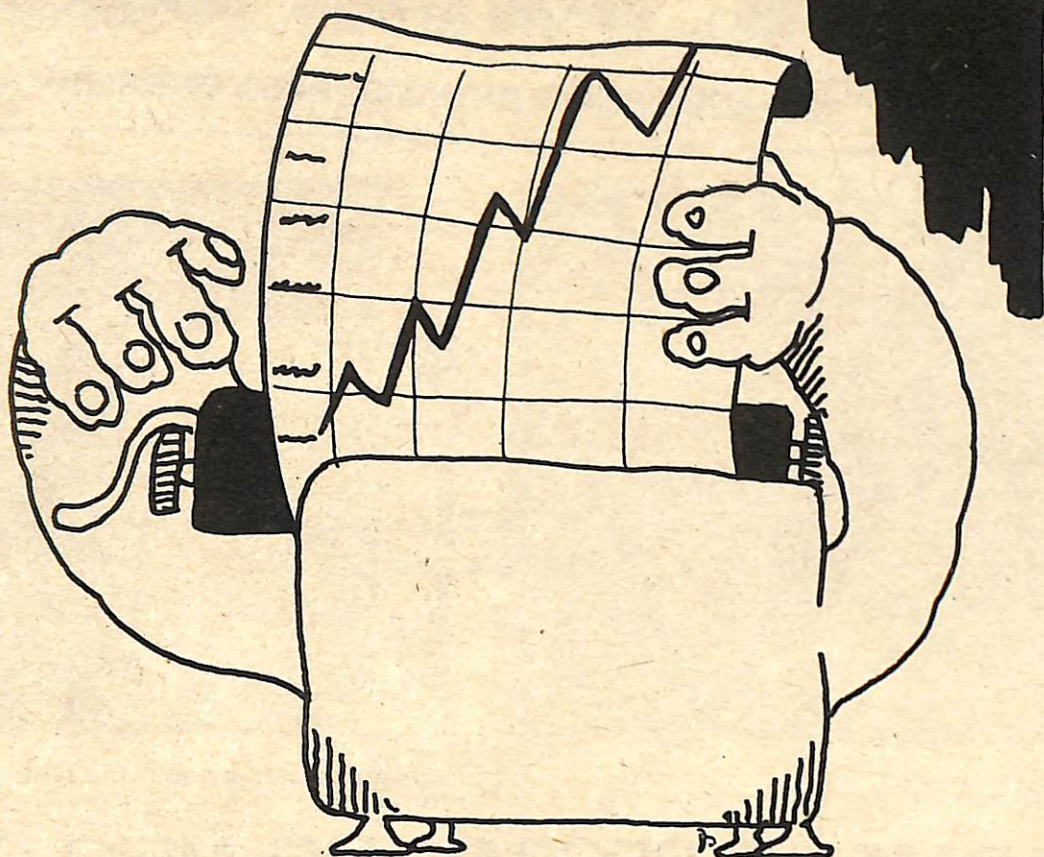
administração
e vendas

rua Mal. Deodoro da
Fonseca, 479
tel. 436-6388



CENTRAL DE IMÓVEIS

Rua Barão
de Jundiá, 1080
Fone 434-3311



SOB CONTROLE

Está certo: o último jornalista romântico, aquele que usava viseira, reportava, escrevia, compunha, imprimia e vendia o jornal, *A Gazeta de Tombstone*, deve ter morrido no duelo de OK Curral.

A imagem do jornalista, aquele sujeito um pouco alcóolatra, um pouco santo, um pouco boêmio, um pouco cruzado, um pouco tuberculoso, que povoou os folhetos do começo do século, não existe mais. Ou pelo menos, se modificou profundamente.

Com sua eficiência tecnológica, os norte-americanos deram uma escola e uma profissão ao jornalista. Lá ele é, agora, um senhor respeitável, um *scholar* de óculos e colarinho engomado que se debruça sobre as verdades do mundo para analisá-las à luz da ciência da comunicação.

É verdade que o jornalista, por mais que tenha sido tecnicizado e "adequado", nunca deixou de ser um tanto incômodo, porque ainda lhe resta, do espírito dos antigos cruzados, uma espécie de obsessão pela verdade, o que o leva a ser inquiridor, persistente, chato.

É bem verdade também que o boom da comunicação foi responsável pela emasculação de grande parte dos jornalistas em ação, hoje em dia. Há uma obsessão tão grande pelo verbo *comunicar*, que todas as empresas, públicas ou privadas e todos os órgãos governamentais, criaram suas assessorias de comunicação, que já distribuem as notícias prontas, redigidas, anguladas e substituem a informação objetiva pela adjetivação inconsciente, bajuladora e friamente oficial. O comodismo de muitos jornais e jornalistas, principalmente os que se preocupam mais com a quantidade do que com a qualidade, e os que cedem com facilidade à tentação do caminho mais fácil, permitiu a proliferação desse tipo daninho de comunicação, e deu a muitos jornais o ar espectral de um boletim oficial.

Essa é uma das maiores doenças que ameaçam os organismos de redações ainda saudáveis, e os jornalistas mais conscientes reagem a esse tipo de informação com a indiferença e o desprezo. Na guerra contra o *press-release*, só há uma arma eficiente e definitiva: lata de lixo.

Há outras ameaças rondando agora as redações de jornais entre os mais importantes do Brasil: a tecnocracia. Como se não bastassem todas as limitações impostas ao trabalho do jornalista por uma série de circunstâncias, entre as quais a retração das fontes de informação, evidentemente provocada por um clima pouco propício à livre circulação de idéias, eis que os tecnocratas, montados a cavaleiro de seus mitos de racionalização e eficiência, armados de seus gráficos de produtividade e suas estatísticas de bolso, pretendem, em algumas das maiores redações do país, atribuir a si mesmo, e à sua auto-proclamada infalibilidade, a tarefa de escolher e selecionar os jornalistas que as frequentarão.

Até agora esta escolha e esta seleção, como o determina o bom senso, é feita no próprio meio, que é o único em condições de levar em conta uma série de requisitos e condições especialíssimas necessárias ao exercício da profissão, cheia de desdobramentos e sutilezas impossíveis de serem metodizadas, como pretende a tecnocracia. Como metodizar um bom texto? Como metodizar a perspicácia de um repórter? Como metodizar dedicação e empenho? Com que instrumentos a tecnocracia vai se armar para medir coisas que não tem medida?

Quando implantado esse sistema, um editor necessitado, certamente, será obrigado a preencher uma requisição assim — "a seção X requisita um redator de texto irônico e sutil"; ou, "a seção Y necessita um editoralista de tendências pró-Israel para assuntos do Oriente Médio".

E imediatamente os tecnocratas correrão a seu infalível almoxarifado para desencaixotar um dentro dos requisitos exigidos.

A tecnocracia, montada no poder, por sua própria característica de subserviência, ou será melhor dizer, de interdependência, vence aos poucos as suas batalhas contra o espírito humano. O lamentável é que no caso dos jornais, o processo seja, por descuido ou por omissão das próprias vítimas, de autofagia.

Sandro Vaia

I
Anos atrás, o fim-de-ano caracterizava uma época em que os menores infratores, geralmente chamados de "trombadinhas", tomavam as ruas da cidade para praticar furtos e assaltos. Aqueles que eram apanhados, como se recorda, eram levados para o hoje extinto Recolhimento Provisório de Menores (RPM), classificado por muitos estudiosos como uma verdadeira escola do crime.

Hoje, pode-se dizer que o problema não é tão grave como já foi. Por isso, são oportunas as palavras do secretário da Promoção Social, Mário Altenfelder, em conferência feita recentemente. Ele observou que se há dez anos uma mulher recorria ao serviço de assistência por ter sido abandonada pelo marido ou companheiro, havia um só pai de duas crianças. Atualmente, para cada cinco crianças há três ou cinco pais diferentes. Outra constatação impressionante: hoje, a mulher abandona o lar quase que na mesma proporção do homem.

É evidente, analisa Altenfelder, que os filhos dessas pessoas serão seres tumultuados e a sociedade "uma balbúrdia, uma desordem, uma aglomeração de desajustados".

— E esses pobres seres humanos, gerados e criados sem amor de um pai ou uma mãe, desconhecerão quase sempre a beleza e as vantagens de um lar bem constituído. Sabemos que a família cumpre funções não apenas de natureza biológica, mas, sobretudo, social e cultural.

O secretário Altenfelder prossegue na sua análise: a família deve promover a socialização de seus membros como um meio de garantir-lhes a participação efetiva e identificação dentro do grupo social. É, sem dúvida, através dessa experiência que eles adquirirão valores e padrões de comportamento, os quais, nas etapas seguintes, hão de orientá-los na formação de novos grupos familiares. Pergunta: se os valores não são ministrados, nem praticados, como esperar que os pobres menores de quem tratamos se tornem cidadãos e chefes de famílias exemplares?

A partir dessas observações, o secretário da Promoção Social dá uma série de opiniões. Algumas delas:

— "Claro que o Governo tem obrigação. Mas não é só o Governo. É também e principalmente a comunidade. o agrupamento de indivíduos e instituições. Lembremos a frase: "invencível não é um indivíduo, mas a comunidade". Acrescentamos nós: "os governos passam e a comunidade fica". Daí o erro de querer alicerçar campanhas e entidades de assistência e promoção social em ações exclusivas do Governo. Essa é a razão que faz com que essas campanhas e entidades sofram soluções de continui-

dade e vivam à mercê da boa vontade dos políticos administradores, que nem sempre têm boa vontade e conhecimento exato da área social".

— "É a comunidade que tem de se unir, tomar consciência e agir. O Governo deve ser chamado apenas para assistir técnica e financeiramente os programas, e não para executar trabalho social. Só dessa forma a assistência e a promoção sociais ganharão consistência, permanência e... independência".

II

O promotor João Benedito de Azevedo Marques, presidente da Fundação Estadual do Bem Estar do Menor em São Paulo, lançou na semana passada o livro "Marginalização: Menor e Criminalidade". João Benedito, estudioso da problemática do menor há vários anos, promoveu o lançamento de seu livro na Associação Paulista do Ministério Público.

III

A diferença entre o passado e o presente foi algo que senti bem de perto quando fui fazer uma visita natalina a Correinha, na Penitenciária Estadual, na Capital. Uniforme caqui, magro, cabelos brancos, lá está Astorige Correa de Paula e Silva, o Correinha, cumprindo a pena de 16 anos de reclusão que lhe foi imposta — sentença transitada em julgado — pelo II Tribunal do Júri.

Abatido, abandonado por aqueles que se diziam amigos, tem de permanecer a maior parte do tempo na cela, pois o risco de sofrer uma agressão ou ser morto por sentenciados é permanente. Afinal, ali se encontram muitos dos elementos que ele prendeu, anos atrás...

Vive num isolamento completo, fazendo questão de manter distância de Fininho, outro elemento acusado de praticar crimes em nome do chamado "Esquadrão da Morte". Em outra cela, José Alves da Silva, o Zé Guarda, dedica-se a passar o tempo fazendo montagens com palitos de fósforos.

Estranho o incrível código de ética, equivalente à lei do cão, que rege a vida desses homens, dispostos a morrer em silêncio, ao mesmo tempo lamentando a omissão daqueles que devem muito a eles o fato de, como dizem, "não colocar a boca no trombone".

Fiz questão absoluta de ir à Casa de Detenção e à Penitenciária no fim-de-ano. Afinal, ali estão recolhidos os mais variados produtos sociais, juntos na prisão — fantástico laboratório de comportamento humano.

Percival de Souza

LEIA E ASSINE

O JORNAL DE 2ª

fone:434-8648

O FUTURO DA CIDADE: E

O QUE É O PLANO DIRETOR? PARA QUE SERVE? POR QUE A...

O futuro da cidade está em discussão, e o que a cidade pensa disso? A cidade mal sabe que o Plano Diretor está na Câmara, para ser discutido e aprovado (ou rejeitado) pelos vereadores. A cidade mal sabe que, por falta de tempo, os vereadores atuais poderão deixar que o projeto fique para ser discutido pela nova Câmara. E que o futuro prefeito, Pedro Fávaro, poderá, ao assumir, retirar o projeto da Câmara, para revê-lo. Mas afinal, o que é um Plano Diretor? Que importância ele tem para a cidade? O Jornal de 2a. Feira aobre o debate, ouvindo urbanistas que fizeram o plano anterior, ouvindo o arquiteto Cândido Malta Campos Filho, que fez o novo plano (veja na página seguinte) ouvindo representantes da indústria, e procurando dar uma visão geral do novo plano.

O que é um Plano Diretor?
De acordo com o conceito mais generalizado, Plano Diretor é a ordenação dos espaços físicos da cidade, conforme as funções da cidade. São funções da cidade: dar condições aos moradores de habitar, trabalhar, circular e recrear.

Jundiaí já tem um Plano Diretor?
Sim, Jundiaí já tem um Plano Diretor, em vigor desde 1969.

Para que outro?
Segundo a justificativa do novo plano, o anterior "foi elaborado há mais de 5 anos, quando o boondesenvolvimentista do município não se apresentava tão claramente como agora, e (partindo do pressuposto) de que todo Plano Diretor deve ser aberto às alterações que se fazem necessárias com o correr do tempo, e que escapam muitas vezes às previsões de planejamento, fica clara a necessidade de uma revisão desse mesmo plano".

Qual é seu objetivo?
Segundo sua justificativa, melhorar a qualidade de vida da maioria da população urbana de Jundiaí.

O que diz o Plano?
Diz que Jundiaí cresce a sudeste, onde se encontra com a divisa do município de Várzea Paulista, e a Noroeste, bifurcando-se com Oeste, onde está a única possibilidade de crescimento da cidade, que está cercada por duas zonas de preservação: a serra do Japi, e os mananciais de água potável (veja o mapa).

Como deve crescer a cidade?
Deve crescer em volta dos eixos estruturais principais, ou seja: as Vias Anhanguera, Norte e Marginais do Rio Jundiaí.

Como dirigir esse crescimento?
Segundo o Plano, através da execução do Sistema Viário e de um zoneamento.

Qual o objetivo do Zoneamento?
Conseguir um adensamento populacional e a localização de atividades de grande porte em torno das Vias Estruturais Principais. E conseguir que essa densidade vá diminuindo gradativamente à medida que se aproxime das zonas de Preservação (serra do Japi e manancial de água).

Como se consegue esse adensamento?
Segundo o plano, aproveitando melhor o terreno, em termos de expansão vertical (edifícios) e através do maior retalhamento do solo, dividindo-se em lotes pequenos.

Como evitar que a verticalização torne a cidade árida?

Segundo o plano, a expansão vertical, além de diminuir os custos de implantação e operação de serviços urbanos, permite o estabelecimento de mecanismos de incentivo à iniciativa privada, que através de sua atuação no mercado imobiliário faça surgir cada vez mais áreas verdes para contrabalançar a verticalização excessiva.



Ararê: a FIESP-CIESP deveria participar.



Fotos: Renato Bezzan

Panizza: críticas ao Plano feito em segredo.

MUDARAM AS REGRAS NO MEIO DO JOGO

"A mudança total e brusca das regras no meio do jogo é, no mínimo, assustadora". Estas palavras, do engenheiro Ararê Martinho, conselheiro da FIESP-CIESP, refletem a preocupação da entidade com relação ao novo Plano Diretor da cidade, elaborado unilateralmente e a portas fechadas.

Falando em nome da entidade que congrega as indústrias (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo e Confederação das Indústrias do Estado de São Paulo), já que Arnaldo Infanti, o presidente, tinha viajado, Ararê afirmou:

— A FIESP-CIESP gostaria de participar da elaboração do Plano Diretor, que deveria ser feito em

cima do velho, isto é, ser um aperfeiçoamento contínuo do que vigora atualmente. Na hora em que se define o Plano Diretor, a indústria tem que saber das limitações que terá de enfrentar para basear seu futuro.

É por isso que Ararê acredita em problemas que os industriais poderão ter que resolver por ter sido o Plano Diretor inteiramente feito em segredo. Caso isso não acontecesse, a FIESP-CIESP teria condições de sugerir, entre outras providências, que fosse dada atenção ao setor de habitação:

— A cidade tem êxodo rural, mas essas pessoas saem do nosso "cinturão verde" e vão morar em outros lu-

gares porque em Jundiaí não tem casa. Com isso, começa a faltar mão-de-obra para indústria. E quando as fábricas começam a anunciar nos jornais que têm vagas para serventes, isso significa que a situação está muito séria.

Esta colocação do problema habitacional como fator responsável pela falta de mão-de-obra para as indústrias, para o engenheiro é muito importante:

— Servente é o que mais tem. O sujeito só precisa ter os dois braços e duas pernas para poder trabalhar. Aqui na Duratex, para cada cem recrutados, com treinamento que a fábrica oferece,

oitenta vão embora porque não encontram lugar para morar na cidade.

Para Ararê, a elaboração do Plano Diretor, sem a presença das indústrias é inclusive "anti-patriótico", porque a falta de habitação para os trabalhadores há muito é sentida pelo setor. E com isso provoca escassez de mão-de-obra, a ampliação das fábricas está seriamente comprometida. Em outras palavras, o progresso, pelo menos em Jundiaí, está "amarrado".

— A preocupação da indústria — esclarece Ararê — agora não é apenas humanitária, de ajudar porque o trabalhador é obrigado a pagar 800 cruzeiros de aluguel de um barraco, sendo obri-

AS FALHAS DE UM PLANO SECRETO

O plano, no entanto, simplesmente o ignora.

2 — as conclusões do 1.º capítulo da justificativa do plano são calcadas única e exclusivamente nos objetivos dos governos estadual e federal (conter o crescimento da região metropolitana de São Paulo e atenuar os desequilíbrios regionais existentes no território paulista) sem levar na mínima consideração os fatores históricos peculiares à cidade de Jundiaí.

3 — há dados conflitantes quanto à estimativa da população que Jundiaí terá no ano 2.000. Em um trecho, fala-se que a cidade deve preparar-se para abastecer de água 600 mil pessoas no ano 2.000. No entanto, na projeção feita pelo autor do plano chega-se a 923.288 habitantes no ano 2.000.

4 — ao elaborar o plano, seus autores ignoram simplesmente o referencial técnico que já existia pronto na cidade, como o projeto do Distrito Industrial de Jundiaí, e o Termo de Referência elaborado pelo SERPHAU no 2.º semestre de 1971; esse documento serviu de base pa-

ra a contratação da concorrência do Plano de Desenvolvimento Integrado de Jundiaí, que havia sido vencida pelo escritório do arquiteto Jorge Wilhelm (atual secretário Estadual do Planejamento) e que foi anulada pelo prefeito Ibis Cruz.

5 — ao fixar, no plano, vários setores urbanos, para fazer projeções de crescimento populacional, seus autores partiram de fatores que eles mesmos fixaram, de maneira gratuita, mais uma vez sem levar em conta fatores históricos da cidade, como os aspectos físicos do logradouro, e as próprias características da população.

6 — o plano prevê que um dos vetores de crescimento de Jundiaí será a Oeste da Via Anhanguera, onde, inclusive, deverá ser instalado o Paço Municipal. E diz a justificativa: "não se pretende que a zona especial do Paço se transforme numa réplica do centro atual, nem que o substitua em todas as funções. Portanto, o centro atual segundo as previsões de planejamento, deverá permanecer como está, até que o novo centro, coincidente com o centro administrativo,

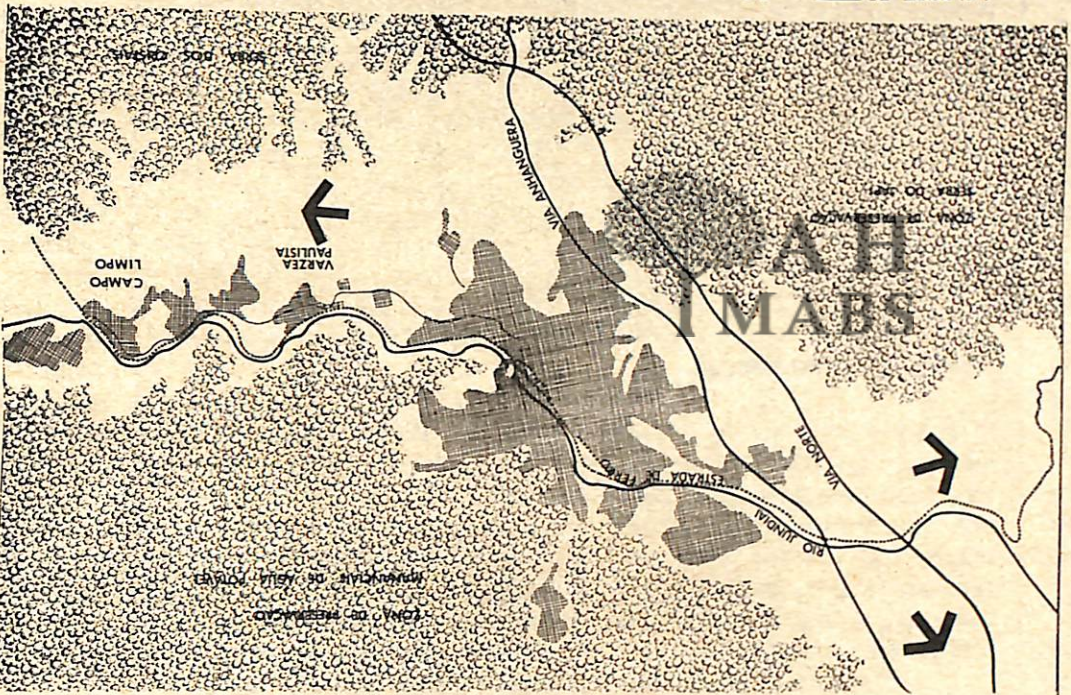
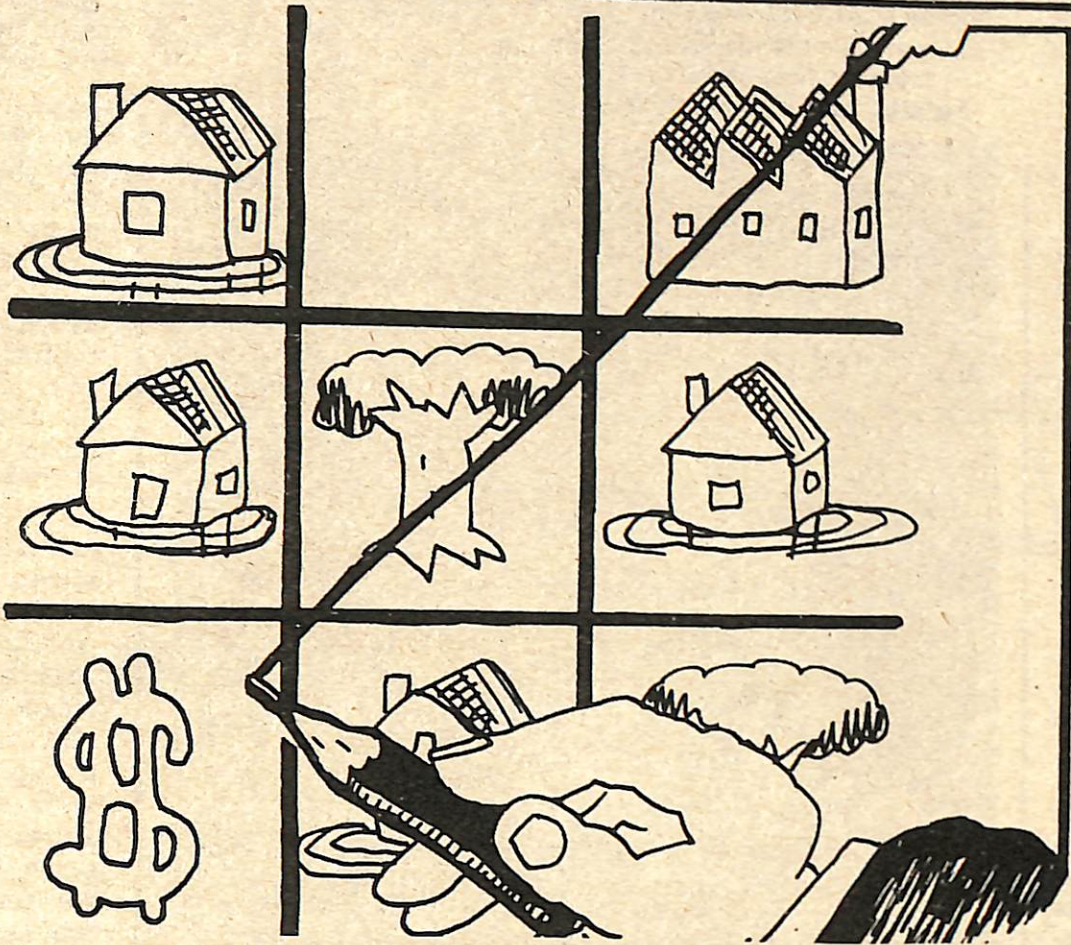
Percorrendo as 174 páginas da justificativa do novo Plano Diretor, o arquiteto Antonio Fernandez Panizza encontra vários pontos discutíveis:

1 — Mais de 70 dessas

ESTÁ ABERTO O DEBATE.

A CIDADE NÃO O DISCUTE? O JORNAL DE 2a. ABRE O DEBATE.

A POLÍTICA URBANA.



Neste mapa, que está anexado ao projeto do Plano Diretor, estão indicadas as direções de crescimento de Jundiaí nos próximos anos, e as áreas de preservação: serra do Japi e mananciais de água.

JUSTIÇA CONTRA PREFEITURA.

O Plano de Desenvolvimento Integrado do Município —PDIM— de São Bernardo do Campo teve sua tramitação em regime de urgência sustada por uma liminar concedida pela Justiça do mandado de segurança impetrado pelo MDB daquela cidade no dia 21 de dezembro.

O projeto foi elaborado pela Secretaria do Planejamento do município e estabelece normas para o desenvolvimento físico, econômico e social da cidade. Foi enviado à Câmara pelo prefeito Geraldo Faria Rodrigues em regime de urgência para que fosse aprovado antes do término de seu mandato.

Por isso, o MDB entendeu que o atual governo, arenista, quis dirigir dessa

forma a administração do prefeito eleito pela oposição, Tito Costa. Então foi dada entrada de um mandado de segurança pelo vereador Delzio Paschoim do MDB e o juiz eleitoral concedeu a liminar, acatando a argumentação de que "um plano de desenvolvimento integrado é um processo de planejamento que, por sua natureza, não pode ser considerado urgente".

Enquanto o atual prefeito declarou que Tito Costa deveria receber o PDIM "com um coquetel", este alegou que "não posso receber um plano feito pela Arena sem saber de que se trata, o PDIM pode criar situações jurídicas impossíveis, depois, de serem revistas".

Jundiaí não é um caso isolado.

O processo de crescimento econômico brasileiro gera a concentração da população nas cidades, sem um ambiente de vida condizente com as mais elementares exigências do ser humano. Às vezes, chama-se a isto progresso.

Objetivos econômicos imediatos, quer ao nível individual ou de empresas, fazem com que a ocupação do solo urbano seja regida pelo jogo da oferta e procura de espaço, construindo cidades desordenadas que se deterioram precocemente.

As consequências deste processo são as mais graves: além do desperdício no plano da produção e do consumo, milhões de brasileiros suportam hoje — e cada vez mais — a poluição ambiental, a delapidação de seu tempo em penosos e estéreis deslocamentos, o empobrecimento dos contratos sociais e a penúria crescente da vida cultural.

Os arquitetos e urbanistas há muito tempo alertam as instituições para estas consequências, apesar de conscientes de estarem fora dos centros de decisão e poder na efetivação de uma política urbana realista que levasse em conta as condições econômicas e sociais do país, que preservasse os valores do meio urbano brasileiro como algo mais humano e significativo do que uma simples máquina de promover consumo forçado e produzir lucro.

Assistimos nestes últimos anos os enormes recursos do BNH serem mobilizados para melhorar condições de circulação de automóveis, para a construção de apartamentos de alto nível e, quando colocados para a edificação de conjuntos habitacionais populares, feitos sem levar em conta as estruturas e os equipamentos urbanos que os recebem, ou sem atentar para a apologia de acumulação de capital que faz com que os favorecidos por estes últimos revendam sua propriedade e afastem-se de novo para periferias menos cuidadas de nossa cidade, distorcendo assim a política habitacional proposta.

A ameaça de congestão das cidades faz com que as administrações locais, de acordo com as tradições burocráticas do país, se empenhem em soluções setoriais de emergência.

Estes fracassos sistemáticos, bem ilustrados pela ineficiência do alargamento de ruas, construção de viadutos e vias expressas nos grandes centros urbanos, levam as autoridades a começarem a perceber a necessidade de impor alguma disciplina ao progresso da urbanização em curso, cuja solução já não se

revela tão simples como construir, no menor prazo, o maior número de habitações e abrir o maior número de vias.

A tarefa de imposição de uma disciplina para o progresso de urbanização inicia-se, porém, cercada por contradições que vão desde a teoria, enquanto "planejamento" meramente burocrático, alimento ideal de políticas demagógicas, até à prática, que sem instrumentos legais de controle do uso do solo mostra-se incapaz de disciplinar o exercício do direito de construir de acordo com os interesses da coletividade.

Esta participação popular direta e ativa é indispensável no processo de elaboração e aplicação de uma política urbana, pois a experiência nacional e universal mostra constantemente a força dos interesses contrariados pela organização do espaço urbano e a sua capacidade de bloqueio e distorção.

Só a pressão da opinião pública, devidamente informada e organizada, será capaz de assegurar o respaldo de um processo de reformulação, ainda que parcial, da nossa realidade urbana.

A própria distribuição de recursos financeiros não constitui por si só a aplicação de uma política coerente. A não integração de investimentos setoriais numa disciplina geral de desenvolvimento urbano representa soluções inadequadas que tendem a agravar os problemas existentes.

Jundiaí não é um caso isolado.

Importante, porém, será notar que a orientação concreta a seguir na aplicação de uma política urbana não poderá ser buscada exclusivamente na técnica urbanística. Para o conhecimento da realidade urbana no que ela tem de mais vivo e entender a complexidade das contradições que ela manifesta, será necessária a participação efetiva das populações.

A consciência da insuficiência crônica de recursos, da concentração exacerbada da renda com desníveis perigosos, da situação agrária com a exploração predatória do território nacional, da especulação imobiliária, dados importantes para os técnicos que pretendem estabelecer uma política urbana para as nossas cidades, anexamos a necessidade e urgência da participação na geração e gerência desta política, condição essencial para livrarmos das soluções paternalistas ou dos bloqueios e distorções que são os entraves para seu desenvolvimento.

Jundiaí não é um caso isolado.

Araken Martinho

MALTA CONTA SEU PLANO

O arquiteto Cândido Malta Campos Filho, chefe da equipe que elaborou o novo Plano Diretor, fala com exclusividade ao repórter Júlio Moreno. Especial para o Jornal de 2a.

Cândido Malta Campos Filho, o arquiteto que chefiou a equipe responsável pela elaboração do novo Plano Diretor de Jundiaí, achou muito bom ter sido procurado pelo **Jornal de 2a.** para explicar o seu trabalho.

— Mesmo sendo um jornal de oposição, é muito bom que ele publique um resumo do Plano, porque trata-se de um calhamaço grande e muita gente não quer se dar ao trabalho de ler tudo.

Assim, completou, muitas dúvidas poderão ser esclarecidas. E para explicar tudo direitinho, ele conta que seu trabalho foi enorme e seguiu uma metodologia perfeita. Conta o que foi feito, do princípio ao fim:

— Fizemos primeiramente um relatório de análise regional, envolvendo Jundiaí no sistema de municípios do qual ele é centro. Nesse relatório levantamos a caracterização física da região, e evolução da população e chegamos até a estrutura urbana atual. Esta foi analisada enquanto sistema viário, sistema de esgoto, sistema de abastecimento de água e de drenagem pluvial. Também estudamos os processos de ocupação e uso do solo atual. Em seguida foi feita a análise de expansão urbana de Jundiaí, através de metodologia nova, que se verificou como de grande utilidade para análise de áreas urbanas com população igual ou inferior a Jundiaí (150 mil habitantes)

Aí, então, chega-se a um ponto muito importante do trabalho. Essa análise da expansão da área urbana da cidade permitiu a Cândido e sua equipe traçarem um retrato de como seria Jundiaí no ano 2000, “caso permanesse a evolução espontânea de desenvolvimento da cidade, sem interferência de um planejamento racional”. E esse retrato é triste, diz ele.

— Jundiaí — ele vai descrevendo — subiria a serra do Japi, a Oeste, devorando sua cobertura vegetal de matas (em grande parte) e cobrindo-se com residências principalmente, até mesmo edifícios de apartamentos. Também invadiria a bacia do Jundiaí-Mirim, a leste, comprometendo o importante manancial de água da região. Aqui haveria ocupação inclusive por indústrias. E a cidade ainda se espalharia pela região de mar de morros ao longo da via Anhanguera, ao sul, na direção de São Paulo. Também aqui haveria um misto de ocupação industrial e residencial.

É contra isso que o Plano Diretor vai lutar, completa ele. Ele quer por um fim ao crescimento radioconcêntrico de Jundiaí, substituindo-o por “vetores de desenvolvimento urbano que estabeleçam uma forma nitidamente linear”. Os vetores seriam esses dois:

1.o) a sudeste, “que logo se depara com a divisa do município de Várzea Paulista, que vai provocar a conurbação Jundiaí-Várzea Paulista-Campo Limpo”; e

2.o) a noroeste, “que se bifurca a oeste, a qual se apresenta como a única possibilidade de crescimento no município de Jundiaí”.

Carregar o desenvolvimento da cidade principalmente para este último vetor, significa para Cândido Malta aproveitar-se da estrutura regional linear já existente e formada por três grandes eixos: 1) rio Jundiaí-via férrea; 2) via Anhanguera e 3) via Norte (“com a qual já podemos contar hoje como realidade”). Isto é, significa “fazer-se o mais racional”. Mais ainda: significa poupar a bela região das serras do Japi e Cristais e preservar-se o manancial de água potável do Jundiaí-Mirim, onde persistiria o uso rural. Ele acentua esse último dado, porque soube que andam dizendo que seu Plano não se preocupou com a zona rural da cidade.

— Aqueles vetores — diz ele — além de corresponderem ao esquema de malha direcional, que ao nosso ver era o que melhor respondia às necessidades da cidade, têm outros condicionantes. Essas condicionantes norteiam o “desenho” da estrutura proposta, como deveriam nortear a adaptação de qualquer esquema teórico a ser implantado numa cidade já existente. São: 1) as condições geográficas; 2) a ocupação do sítio até a presente data; e 3) os investimentos municipais em obras, hoje em execução.

Cândido Malta Campos Filho volta a falar do desenvolvimento espontâneo de Jundiaí e das consequências que ele poderia trazer à cidade sem um planejamento:

— O crescimento espontâneo faria com que a cidade mantivesse a baixa densidade que hoje apresenta, através de um processo de especulação imobiliária geradora dos “vazios urbanos”, coerente com a má utilização do sistema de ônibus.

A estrutura urbana proposta pelo Plano Diretor prevê, portanto, um adensamen-



Malta: um triste retrato.

to (só nos vetores do crescimento). A união de proprietários de terrenos num mesmo quarteirão para a construção de prédios e formação de “super-quadras”, por exemplo, é incentivada. Mas será preciso mais:

— Sendo a lei de uso do solo proposta no Plano uma lei de zoneamento e sistema viário, para que aquele objetivo de adensamento seja alcançado deveria se utilizar também o instrumento que é o Imposto Territorial Progressivo, que incide sobre os terrenos vazios equipados com infraestrutura urbana.

A mesma coisa ele propôs para ser adotado em São Paulo, cidade da qual Cândido Malta é hoje o coordenador geral do planejamento. Igualmente a tese do “solo criado” proposta em São Paulo, poderia servir para Jundiaí, completa ele. Essa tese defende a unificação dos coeficientes de aproveitamento de todos os terrenos da cidade, obrigando os construtores que quisessem superá-la (o que comumente ocorre na construção de prédios) a pagar uma certa quantia à Prefeitura.

O adensamento seria um dos objetivos do zoneamento “parte integrante da estrutura física urbana juntamente com o sistema viário”. Cândido Malta abre a página

162 do Plano Diretor e lê quais são os objetivos gerais dessa política. São quatro, e começam assim:

“1.o) conseguir um adensamento maior em torno das vias principais que compõe a malha viária, para que a acessibilidade oferecida seja melhor aproveitada”.

Cândido faz uma pausa para explicar que em torno da avenida aberta sobre o leito da antiga Sorocabana, não deverá existir lotes com acesso direto a ela. Isto para preservar aquele “corredor” de transportes, muito importante, segundo ele. É que por aí poderão circular, inicialmente, linhas de ônibus elétrico expressas, mais tarde — quando a demanda exigir — um pré-metrô e até mesmo um metrô. Cândido:

— Mas para se chegar lá, é preciso preservar a avenida “fechada” nos lados. Caso contrário, havendo acessos nas laterais, o “corredor” se perderá, nunca mais se fará um metrô nessa região.

Segue a leitura dos objetivos.

“2.o) Conseguir um zoneamento não muito segregativo, isto é, calcado o mínimo possível na divisão por faixas de renda”.

Nova pausa, ele faz o seguinte comentário:

— Veja: eu recomendei

um zoneamento não segregativo. Então, quem está dizendo que eu sou elitista, está completamente errado.

Segue a leitura.

“3.o) Conseguir uma distribuição mais ou menos uniforme dos empregos urbanos, em termos espaciais ou de deslocamentos por transporte”.

Novo comentário:

— Não adianta nada concentrar as indústrias numa só região, sob o argumento de que elas poluem, devem ficar isoladas do resto da cidade. Elas precisam se espalhar pela cidade e controlar sua poluição, porque só assim o transporte-residência e vice-versa não se tornará um sofrimento diário. Quanto mais perto a residência estiver do trabalho, melhor. Quanto mais distribuído estiver o trabalho, melhor também: assim os fluxos de trânsito se distribuem, não carregam um só lado.

Segue a leitura.

“4.o) Conseguir uma distribuição das zonas, em termos de densidade, de maneira que a ocupação se adapte melhor ao sítio urbano, e que se consiga, de uma certa maneira, a preservação da paisagem”.

O comentário a respeito:

— Veja, por exemplo, a diferença entre o que denominamos “zona de preservação paisagística” e “zona de reserva ecológica”. Na primeira, será permitido certos tipos de ocupação, desde que se obedeça a determinadas exigências que não mutilem a paisagem. Com isso, a Prefeitura vai conseguir a preservação dessas áreas sem gastar nada em desapropriação. Já no outro tipo, “zona de reserva ecológica”, são regiões que realmente não poderão ter qualquer atividades e, talvez, exijam desapropriações.

No fim, Cândido Malta admite que seu Plano pode estar sendo criticado em termos de propostas urbanas, mas só por falta de informação correta de quem critica ou por quem tem algum outro interesse”. Mas o que ele não admite mesmo é ouvir comentário sobre o custo do trabalho porque, na verdade, diz ele “foi baratíssimo”.

— Custou cerca de Cr\$ 500 mil, quando havia propostas de outros que custariam talvez Cr\$ 2 mil. Podem falar o que quiserem do plano, mas de seu custo não. Além disso, utilizei pessoal local, de Jundiaí, em minha equipe.



SIM EU QUERO SER UMA CAMPEÃ.

Gláucia



Alguém pode imaginar a jovem campeã de olhos verdes erguendo aquela bandeja de prata de Wimbledon, para que a foto corra pelo mundo, como uma consagração?

Esta imagem, certamente deve povoar os sonhos de todas as pequenas e grandes tenistas do mundo: é o clímax, o ápice, a glória, o fim. Não seria muita pretensão dizer que esta imagem também está no baú de aspirações secretas de Gláucia Langela, menina de 22 anos, tenista por vocação e escolha, campeã de muitos títulos regionais, estaduais e nacionais. Se depender de sua obstinação, de sua dedicação à carreira, e da seriedade com que ela encara o tênis, chegará o dia em que as glórias se multiplicarão em escala internacional, e aí sim, então, será a realização. O tênis é tão jovem e tão desprotegido no Brasil, que ele não pode alimentar-se apenas de suas disputas internas. Os sets decisivos têm de ser jogados em quadras estrangeiras. Maria Esther Bueno que o diga, não é, Gláucia?

A jovem campeã é muito sorridente, alegre e falante. Escolheu o tênis há apenas cinco anos, mas qualquer um diria que nasceu e se criou entre smashes e voleios. Mas não é bem assim. Embora ela reconheça que o tênis no Brasil é um esporte hereditário "que passa de pai para filho", não há precedentes na família. Antenor, seu pai e torcedor, jogava futebol no Comercial dos áureos tempos. E mesmo ela, Gláucia, descobriu o tênis por vias indiretas. Até 1968 treinava salto em altura sob a orientação de Nelson Prudêncio, o grande campeão de salto triplo, que naquele tempo ainda praticava e ensinava seu atletismo em Jundiaí, antes que a falta de condições e de apoio o mandassem embora daqui.

Mas enquanto pulava, Gláucia falava de tênis, olhava com curiosidade e se entusiasmava. Prudêncio, realista, a encaminhou para sua verdadeira vocação. E lá estava ela, em 1968, aprendendo a dar as primeiras raquetadas, através, naturalmente, do onipresente Nelson Cardim, o técnico de muitas gerações jundiaenses de tenistas.

Em 1971 estava jogando por Jundiaí nos Jogos Regionais, e em 1972 foi convidada para jogar pelo Tênis Clube de Campinas. Ela aceitou, é claro.

— Diga a verdade Gláucia, houve alguma espécie de ressentimento quando você saiu de Jundiaí para jogar pelo Tênis Clube de Campinas?

— Houve, sim, um pouco de incompreensão. Mas depois o pessoal entendeu que era a única coisa que eu podia fazer. Lá eles me ofereciam mais condições, entende?

Não, não se trata de dinheiro, ou algo assim. Condição, para um tenista, é poder treinar, poder jogar, bastante e sempre. Só se aprende a jogar bem, jogando. E contra quem Gláucia ia jogar em Jundiaí?

Os que olhavam de cara feia para Gláucia, quando ela trocou Jundiaí por Campinas, já não olham mais. Agora ela tem muitos torcedores em Jundiaí. O pessoal, afinal, acaba entendendo.

Gláucia agora coleciona títulos e recolhe experiência jogando pelo Pinheiros, de São Paulo. Lá ela tem muitas quadras à disposição, tem adversários e um técnico, Fernando Aventurato, que a ajuda a conseguir viagens para o exterior, onde ela pode se aperfeiçoar. Aliás, está até planejando uma, para os Estados Unidos, onde pretende participar do circuito de Virginia Slims. Em 1976 esteve jogando na Europa, "graças a ajuda do seu Pfulg, da Vulca-

brás, que pagou a viagem".

O exterior tem que ser mesmo uma obsessão para tenistas brasileiras, porque afinal de contas aqui elas são mais ou menos umas dez, apenas, e passam o ano inteiro jogando contra a outra. Já devem conhecer seus estilos de cor. E quem vai se aperfeiçoar desse jeito?

A perfeição é importante para uma tenista como Gláucia, que prefere o jogo clássico ao jogo de força, o jogo violento que agora está tão na moda, como os tiros mortais de um Guilherme Vilas, por exemplo. Ela tem um nome para esse tipo de tênis — "o tênis sofrido".

— Eu jogo um tênis mais livre, onde o importante é o meu domínio em relação à quadra. Saber na hora exata, qual é a bola exata. Eu acho que esses jogadores que praticam o chamado tênis-força, que estão submetidos a essa máquina do tênis, acabam cedo. Por isso eles se entregam tanto à máquina. Como seu jogo depende de condição física ou da força, eles a aproveitam enquanto a têm.

Gláucia diz que "o momento é do tênis", o esporte está se popularizando, a tevê mostra longas partidas. E ele estaria até perdendo um pouco daquela empáfia aristocrá-

tica que sempre o caracterizou:

— Como aquela história de só poder jogar de uniforme branco, não é?

Se lhe perguntam quais as perspectivas que ela vê para o tênis de Jundiaí, se há alguma estrela despontando aqui, Gláucia responde, com elegância, "que não está bem ao par, não tem acompanhado muito", mas que afinal esta é uma cidade privilegiada, pois é uma das poucas "que tem quadras públicas" (Mas em que estado, hein Gláucia? Ela responde com um sorriso) Se lhe perguntam sobre dinheiro, ela responde que do tênis ainda não tirou nada, porque não recebe para jogar o clube só paga a alimentação. Ganha, isto sim, para dar algumas aulas, de vez em quando. Nada sistemático, porém. Se conseguir se profissionalizar, fazer sucesso no exterior, conseguir reunir bons resultados para exibir como um cartel respeitável um dia, quem sabe.

Agora são muitos sacrifícios, e até algumas renúncias:

— Mas quando se faz o que quer, quando se opta por alguma coisa, o sacrifício deixa de ser sacrifício, não é verdade? O importante é a tranquilidade interior.

Não se imagine que, pelo

fato de passar muitas horas por dia dentro de uma quadra, Gláucia viva e respire só tênis. Gosta de ouvir música, de teatro, de cinema, gosta de atualizar-se lendo as revistas da semana, gosta das coisas que as moças de sua idade gostam, e até mesmo de futebol, e sem nenhuma vaidade se confessa palmeirense. "Até entendo um pouco da coisa, sabe?"

Atualmente ela está morando num apartamento perto do Pinheiros, em São Paulo, com sua irmã Suzete. Trancou a matrícula no último ano da Escola de Educação Física da Universidade de Campinas, e se der na cabeça, volta lá e termina o curso quando der, ou quando sentir que precisa. Por enquanto, ela está mais interessada nas quadras. Nos fins de semana, quando não está disputando títulos dentro de algumas delas, está qui na cidade, visitando os pais, de quem tem o apoio incondicional. Dona Odila, sua mãe, uma senhora muito solícita, já a acompanhou em algumas viagens Jundiaí-São Paulo-Jundiaí, em dias de torneios, quando ela ainda morava aqui.

Raul Ramirez, Rod Leaver, Artur Ashe, Bjorn Borg, o incrível sueco, e a grande dama do tênis Billie Jean King são alguns dos ídolos, de Gláucia. Sem falar em Esterzinha, é claro, que só viu jogar uma vez, em Wimbledon, e com quem trocou algumas rápidas e protocolares palavras.

— Você já se imaginou alguma vez ganhando em Wimbledon, Gláucia? (Ela sorri, sem falsa modéstia, sem falsa pretensão. Alguém que quer muito uma coisa pode acabar conseguindo. Quem sabe? Por que não?)

Sandro Vaia

OS TITULOS

Gláucia Langela levantou vários títulos na 4a. e 3a. classe, em 1972/73, jogando pelo Tênis Clube de Campinas. Em 1974, transferiu-se para o Pinheiros. Foi campeã brasileira da Juventude, em 1974, campeã brasileira de adultos, campeã brasileira de dupla mista, com Givaldo Barbosa: em 1975 foi campeã estadual, vice-campeã brasileira (a campeã foi a carioca Vera Menezes); em 74, 75 e 76 foi campeã do campeonato noturno do Tietê de São Paulo, e campeonato aberto do Tênis Clube Paulista; em 76 foi campeã estadual inter-clubes 1a. classe, jogando pelo Pinheiros, e campeã de 1a. classe, simples. Foi vice-campeã brasileira de dupla feminina, com Angela Andrade.



O estranho cinema chinês.

A relação com o cinema chinês é duplamente aproximativa: de um lado trata-se de decifrar uma cultura estranha, de outro um sistema de produção também estranho. Desta maneira, o espectador ocidental tende a lançar mão de seus poucos pontos de referência para estabelecer uma relação de troca bastante difícil, senão áspere.

No ciclo apresentado por um cine-clube parisiense, o maior cartaz era dem dúvida "Destacamento Feminino Vermelho", ópera orientada pela hoje anatematizada Mme. Mao. Contando a história de uma camponesa que consegue fugir dos guardas de seu patrão pouco antes de ser vendida como escrava, a ópera procura ilustrar o que seria o conceito chinês de uma arte proletária: lançando mão de um meio altamente difundido na China, os organizadores da Ópera de Pequim procuram contar um episódio da Revolução e glorificar o Exército Vermelho através de um de seus destacamentos.

A primeira mudança sensível é, então, ao nível do herói, que é o povo organizado em torno de um partido.

Outro aspecto importante se dá ao nível do ballet, bastante diferente do ocidental: embora elegante e preciso, toda a marcação dos atores obedece as necessidades da história, isto é, os chineses parecem passar do esteticismo que norteia a arte ocidental do balé, onde toda uma série de movimentos, toda a leveza diáfana do bailarino (especialmente no balé clássico) conduzem a uma arte essencialmente expressivista.

Um terceiro ponto a ser destacado é que a ópera chinesa desconhece praticamente o canto como modalidade narrativa, o balé e a música bastando a compreensão de um argumento que se desenrola de uma maneira aproximadamente atonal, isto é, desconhece os momentos "fortes": todas as partes têm uma função específica, que não é conduzir a um ápice. Neste sentido, a narrativa se assemelha um pouco a ficção dostoiéwskiana, onde cada momento tem uma validade independente do conjunto a que serve.

Ao final, o cansaço sentido pela maior parte dos espectadores, não se sabe exatamente se se pode atribuir à extensão do filme, à forma operística transporta em filme, ao argumento ou enfim à já citada diversidade cultural.

Só não se pode falar é em deficiência dos realizadores de "Destacamento Feminino Vermelho". Utilizando à vontade e bem recursos como a grua e o travelling, o filme reconstituiu o espetáculo operístico como verdadeiro participante. A câmera não pára para contemplar os bailados: ela se move agilmente dentro de um espaço dramaticamente restrito, passando com delicadeza do primeiro plano do personagem principal ao plano geral dos combatentes vermelhos (por exemplo), sem que nunca se tenha a impressão de estar assistindo a uma ópera filmada, mas a um verdadeiro filme musical. Neste sentido, curiosamente, o cinema chinês aproxima-se bastante do cinema americano; uma maestria simples, objetiva, onde raramente é possível notar o empenho (e a arte) empregados para chegar a resultados tocantes.

"Acrobatia" distingue-se como estilo e gênero do filme anterior. Trata-se de um documentário de 70 minutos sobre a arte acrobática chinesa. Embora aparentemente menos interessante, é o que mais elementos nos fornece sobre a cultura daquele país, por oposição ao ocidente. No ocidente a acrobatia nem chega na verdade a ser considerada arte, mas se por

um momento a pensarmos assim, pode-se ver que ela investe diretamente sobre duas idéias: uma, a do risco, do perigo eminente que cerca o gesto acrobático; outra, a de um certo apolinismo, ou seja, um auto bastar-se mais ou menos narcisista do acrobata.

Esta diferença pode ser exemplificada. Nossa acrobatia baseia-se na proeza e o valor do acrobata é diretamente proporcional ao perigo que ele enfrenta. Quando se atravessam as cataratas do Niágara sobre uma corda, sabe-se que um erro é fatal, que a sorte de um homem está em jogo nesta travessia, e nisso se resume o encanto e o suspense do espetáculo. O chinês, muito a contrário, utiliza-se da corda como de um cenário onde certas formas são possíveis. Ela é suspensa e menos de dois metros do chão, e ali os acrobatas realizam com uma habilidade desconhecida dos maiores circos uma série de proezas delicadas. Os números são variados: o equilibrista sobre uma torre de cadeiras, duas moças sobre uma bicicleta em um ângulo de 45.º, dez moças rodando em círculos sobre uma bicicleta. Mesmo nos números mais arriscados (a da torre de cinco cadeiras colocada sobre uma mesa e quatro garrafas, por exemplo) a idéia de perigo é afastada, já que os acrobatas vêm-se sustentados por uma corda que evitará qualquer queda em caso de erro. Neste caso, é lógico perguntar: qual então o interesse do espetáculo? Sem nunca mostrar os signos da habilidade nem se expor a um perigo grande, o ginasta chinês desenvolve uma espécie de arte plástica. Ao contrário do atleta ocidental, que começa a expor seus músculos, o chinês jamais se apresenta como musculatura apta a proezas. Sua força e sua habilidade parecem passar por uma espécie de depuração com que o capacita a figurar na qualidade de objeto ornamental. Pode-se arriscar a idéia de que a arte chinesa procura simplesmente ser bela. Como essa beleza não cai do céu, fica a impressão de que ali se representa uma série de relações espaciais que se pode — talvez abusivamente — chamar de ideogramáticas; ou seja, o artista munido de um instrumento (pratos, cadeiras, bicicletas), estabelece com esses objetos relações aproximadamente esculturais. Com isto, sua arte não é contemplada linearmente e nem se endereça à visão do espectador, ela se constrói espacialmente e move-se como os móveis da moderna escultura ocidental, como se quisesse ser tocada antes de, segundos depois, desfazer-se. Todo o seu objetivo é um efeito belo e fugaz, como o gesto de um traçado no espaço.

É quase inútil dizer, neste sentido, que a acrobacia chinesa não evolui do mais fácil ao mais difícil ou do menos ao mais perigoso. Mesmo quando isso acontece, seu interesse não está aí de qualquer maneira: para o chinês a acrobacia, assim como o esporte, parece ser o contrasenso do que entre nós se convencionou chamar de atividade olímpica: não é visual, não é competitiva, não procura retirar alguns poucos privilegiados do contato humano para expô-los à admiração dos demais.

O ciclo de filmes chineses apresentou ainda dois documentários que revelam mais da propaganda do regime maoísta: "Pescadores do Mar Chinês" e "Os Correios Chineses" ilustram com imagens frequentemente talentosas estas duas atividades coletivizadas após a revolução de 1949 e procuram mostrar como uma escolha ideológica contribui para o seu aprimoramento.

Inácio Araujo (de Paris, via Varig)



Claudine Longet e Peter Sellers, no Marabá.

OS DESASTRES DE UM CONVIDADO.

Nesta semana a programação dos nossos cinemas não é assim de todo ruim, apesar de os filmes bons ainda estarem em flagrante minoria. Um deles, é "Um Convidado Bem Trapalhão", que passa no Marabá de 6 a 9.

A história é a seguinte: um ator hindu, depois de cometer as maiores confusões em Hollywood, acaba recebendo um convite, por engano, para uma festa na casa do diretor do filme em que estava participando.

Acontece que ele, sempre ingenuamente, promove um autêntico carnaval na festa. Logo na entrada da casa, perde um de seus sapatos na piscininha interna (casa de americano de Hollywood tem dessas frescuras). E depois... bem, vá assistir e não ria se for capaz. O elenco é bagunçado pelo competente Peter Sellers (advinha em que papel), Claudine Longet, Magge Champion, Steve Franken, Fay McKenzie e J. Edward McKinley. Música: Henry Mancini.

O outro filme da semana no Marabá é "O Gato Mammone", de 3 a 5, claro. Comédia italiana com Lando Buzzanca e Rossana Podestá. O caso é de um homem que quer ser pai a todo custo. E nada mais pode ser dito. Nem deve.

IPIRANGA

O Vôo do Dragão — de 3 a 6 Com Bruce Lee, Nora Miao e Chuck Norris. Jovem chinês em Roma quer ajudar uma amiga da família. Bandidos maus e violentos querem tirar o restaurante dela. Possivelmente por estar fazendo concorrência com o spaghetti. Mas, o frágil moçoilo mostra que não é tão frágil e dá-lhes cacetadas, pontapés, socos e um banho de filosofia oriental. Dizem que foi a última parte que nocauteou os vilões.

O Sexo das Bonecas — de 7 a 8. Comédia brasileira produzida por Carlos Imperial. Com Arlete Sales, Nestor Montemar e Mário Gomes. Jogar palitinho em casa é muito mais salutar.

Quando o Sexo é Pecado — dia 9. Um bom drama com Luigi Proietti, Irene Pappas, Teresa Ann Savoy, Bruno Cirino, Lina Polito e Mário Scaccia. No original, o filme se chama "Le Faró da Padre".

(NR. Qualquer mudança na programação dos cinemas, não é responsabilidade do jornal. Nós publicamos conforme a relação que nos mandam semanalmente).



No Ipiranga, "Quando o Sexo é Pecado".

LEIA E ASSINE

O JORNAL DE 2ª

fone: 434-8648

Com as últimas aquisições, o Gabinete de Leitura "Ruy Barbosa" aumentou seu acervo para mais de 20 mil volumes desde literatura técnica até os romances mais atuais. O Gabinete adquiriu este lançamento neste mês:

História da Inteligência Brasileira - I Volume (1550-1794) - de Wilson Martins. O autor nasceu em São Paulo, em 1921. Diplomado em Direito, fez um curso de especialização literária em Paris, dedicando-se, depois, profissionalmente à Literatura, como professor e crítico. Lecionou na Universidade de Nova Iorque, foi crítico literário de "O Estado de São Paulo", durante 25 anos. Publicou numerosos ensaios em revistas especializadas, livros de crítica, história literária, teoria política e sociologia.

Além desse livro, onde o autor analisa os grandes nomes brasileiros, foram com-

prados: "O Negro", de Georges Simenon; "Monsignore", de Jack-Alain Leger; "Os Beatos", de Luigi Natoli; "A Preparação da Morte", de Constantin Stanislavski; "Arquipélago Gulag", II Volume, de Alexandre Soljenitsin.

XADREZ

Antonio Ferreira, Mário Messias e Hilário Fioravante foram os vencedores de suas chaves no campeonato interno de xadrez que o Gabinete promoveu. Eles disputaram entre quinze participantes.

ELEIÇÃO

A nova diretoria do Gabinete, eleita no dia 15 passado, está assim composta: presidente - Sérgio Leven, 1.º vice-presidente - Ivan Balbin, 2.º vice-presidente - Neyde Caodaglio, tesoureiro - Belmiro Pozzani, 2.º tesoureiro - Odarci Eugênio Berol.

Escreva um conto, mande pra nós. Você pode ser premiado.

Com o objetivo de incentivar o aparecimento de novos valores e de estimular a literatura em nossa cidade, o **Jornal de 2a-Feira** está criando o **I Concurso de Contos de Jundiá**. Poderão concorrer todos os interessados, e os contos serão julgados por uma Comissão a ser anunciada oportunamente pelas páginas do **Jornal de 2a**. O melhor conto será premiado com 3 mil cruzeiros. O segundo colocado com 1.500 cruzeiros, e o terceiro colocado receberá 500 cruzeiros. Prazo de entrega: até 15 de janeiro.

Este é o regulamento do **I Concurso de Contos**:

1 - o **I Concurso de Contos de Jundiá**, criado pela Editora Japi, proprietária do **Jornal de 2a-Feira**, oferecerá 3 mil cruzeiros ao vencedor, 1.500 cruzeiros ao segundo colocado e 500 cruzeiros ao terceiro colocado, de acordo com o julgamento da Comissão a ser designada pela leitura e seleção dos textos;

2 - poderão concorrer todos os interessados, sem qualquer limite de idade, e sem qualquer outra distinção;

3 - os trabalhos enviados devem ser inéditos;

4 - os temas serão de escolha absolutamente livre dos concorrentes;

5 - todos os candidatos ao concurso deverão enviar seus trabalhos sob pseudônimo, em cinco vias, ao **Jornal de 2a-Feira**, rua Senador Fonseca, 1044, Jundiá, CEP 13.200. Em envelope à parte, fechado, deverão ser colocados o nome real, o pseudônimo, o endereço, dez linhas de dados pessoais;

6 - os trabalhos deverão ser datilografados em espaço duplo numa só face do papel, com uma média aproximada de 30 linhas de 70 toques por página;

7 - os trabalhos devem ter as seguintes dimensões: mínimo de 2 páginas datilografadas, máximo de 14;

8 - os três primeiros colocados serão publicados nas páginas do **Jornal de 2a**; outros trabalhos, mesmo não premiados, poderão ser publicados, a critério da direção da Editora Japi;

9 - os trabalhos deverão ser entregues até o dia 15 de janeiro de 1977;

10 - os resultados do concurso serão divulgados num prazo não superior a dois meses a partir da data do encerramento do concurso; os prêmios serão entregues em data a ser fixada, e que será publicada pelo **Jornal de 2a-Feira**;

11 - os casos omissos serão resolvidos pela direção da Editora Japi.



Jornal do Disco

A Casa Carlos Gomes, pela primeira vez, está vendendo mais Chico Buarque do que Roberto Carlos, numa proporção de 2 por 1. Os compactos simples e os LPs mais vendidos são:

Compactos - 1) Fernando (Conjunto Abba), 2) Fim de Tarde (Claudia Telles), 3) Heaven Must Be Missing An Angel (Tavares), 4) Don't Go Breaking My Heart (Elton John/ Kiki Dee), 5) Nem ouro nem prata (Ruy Maurity), 6) The Best Disco In Town (The Ritchie Family), 7) My Life (Michael Sullivan), 8) Estupido Cupido (Celi Campello), 9) When You're Gone (Maggie Mac Neal), 10) Festa de Santana (Georgete).

Lps - 1) Estupido Cupido, 2) Estupido Cupido Interna-

cional, 3) Casarão Internacional, 4) Meus Caros Amigos (Chico Buarque), 5) Roberto Carlos, 6) Rosa do Povo (Martinho da Vila), 7) 20 Jet Machine, 8) A Música Maravilhosa do Cinema (Henry Mancini), 9) Garra Brasileira, 10) Blue Moves (Elton John).

As novidades que a loja está apresentando em LP e cassete são: Gerais (Milton Nascimento), Canto dos Homens (MPB-4), Recordando O Melhor da Música Popular Brasileira, Porta do Sol (Wando), Limite das Águas (Edu Lobo)

CONSTRUTORA JUNDIAÍ LTDA.
r. Siqueira de Moraes n 578
8 andar conjunto 801 C

FOTOCOPIADORA MALTONI



TEMOS O MELHOR SERVIÇO DE XEROX DA CIDADE

Rosário, 618

Fone - 6-8460

LEIA E ASSINE

O JORNAL DE 2ª

fone: 434-8648



LAGO AZUL

RESTAURANTE
PIZZARIA
CHURRASCARIA
SAUNA * MOTEL

VIA ANHANGUERA, KM. 72

SUPERMERCADO

* ELIAS *

ONDE VOCÊ FAZ
MAIS ECONOMIA



R. BOM JESUS DE PIRAPORA 2757-83 FONE: 4175
ESTACIONAMENTO PROPRIO

"Nós estamos conscientes de que, se formos campeões, seremos os melhores do mundo e, se perdermos, seremos uma porcaria". (Duque, técnico do Corinthians)

"Eu não escrevo, converso. Sou do tempo em que se conversava, no Brasil". (Mário Lago, ator, compositor e escritor)

"É difícil você fazer um espetáculo de teatro porque é um negócio dispendioso, é uma forma encontrada para que o teatro não evoluísse: os encargos, encargos, encargos, eu deixo 90% de impostos do meu espetáculo, noventa por cento! Então, quando vem um jornalista dizer que eu estou faturando 13 milhões por mês eu digo: esse cara não fala que 80% tá indo pro governo. Esse cara tá do meu lado ou tá contra mim?" (Elis Regina, Movimento, 6/11)

"O que existe em Jundiaí é um confusão muito grande. Os grupos daqui ainda não souberam distinguir o teatro amador do estudantil ou profissional. Isso faz com que o teatro em Jundiaí não seja atuante, nem possa conscientizar as pessoas". (Pedro Fávoro Júnior, Jornal de 2a., 13 a 19/12)

"Há um tipo de literatura erótica que sempre terá lugar ao sol, desde o "Amante de Lady Chaterly" aos naturalistas brasileiros e pernambucano Hermilo Borba Filho, é meritória e deve ser preservada. O pornô de mau gosto, como lixo, deve ser incinerado". (Othon Bastos, psiquiatra, Folha de São Paulo, 9/12)

"A dedicação exclusiva foi uma isca que derrubou todos nós. Aceitamos depressinha atraídos pelo aumento do salário, e estamos até hoje marcando passo". (Wilson Moraes, secretário da Associação dos Engenheiros e Arquitetos do Estado de São Paulo, Jornal da Tarde, 11/12)

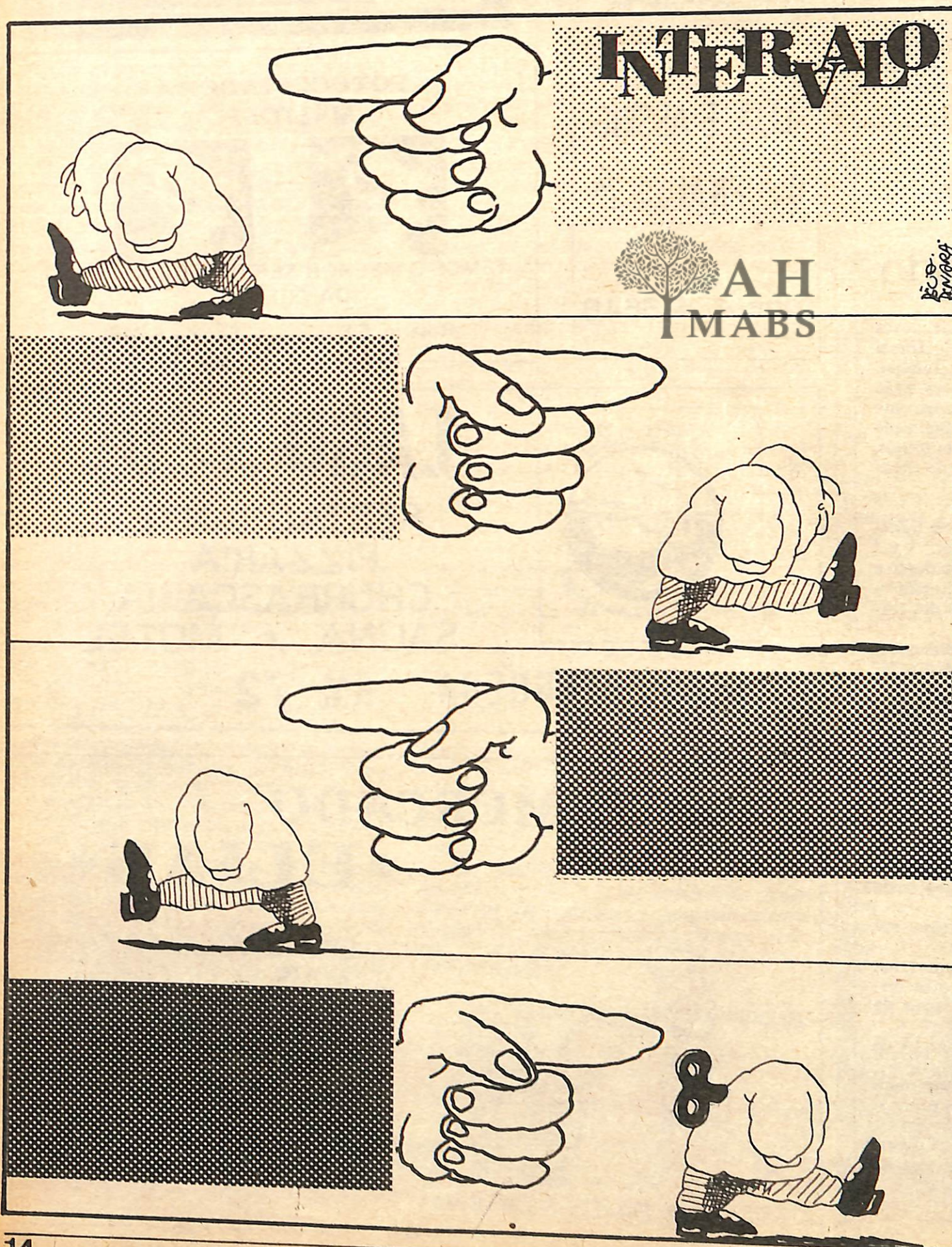
No Brasil, as pessoas se acostumaram a pensar que, porque o Estado regula uma área, ou cria um órgão, os problemas automaticamente estão resolvidos. A crença chega a um ponto tal que dificilmente as pessoas conseguem escapar de uma série de visões formalistas deste tipo. Só como exercício mental — já que eu não acredito na mortalidade das noções e das agências burocráticas no Brasil: que tal pensar na hipótese de se terminar com o sistema de credenciamento do CFE e estabelecer um sistema que permitisse que qualquer instituição de ensino superior funcionasse, só que hierarquizando faculdades e universidades em primeira, segunda, terceira categorias e assim por diante?". (Alexandre de S.C. Barros, JT, 11/12)

"Aos 47 anos, eu finalmente descobri que também sou capaz de desmaiar! Imaginem que, ontem à noite, durante uma festa, eu desmaiei. Um desmaio tão fantástico, tão podre-de-chic, tão romântico, que tive de ser socorrida, levada nos braços por uma porção de gente alvoroçada". (Hebe Camargo, Fatos e Fotos, 19/12)

"Os saudosistas falam que antigamente era melhor, mas não é verdade. O público continua o mesmo: entusiasmado e sempre apaixonado, levando tudo da mínima à máxima consequência. Os torcedores vão aos campos, gritam, xingam, às vezes brigam e bebem. Mas como impedir a venda de pinga se a gente sabe que é aquele dinheirinho arrecadado que paga depois a lavagem das camisas?". (Zito Netto, Jornal de 2a., 13 a 19/12)

"Depois do voto do analfabeto, já tem gente aí advogando o voto para os presos e o voto para os débeis mentais. Falo dos propriamente ditos, internados em casas de saúde. Mas, já que estamos nisso, porque não deixar a votação exclusivamente a cargo deles?". (Millôr Fernandes, Veja, 15/12)

"Se mudei com o sucesso? Que é isso! Os outros é que mudaram com o meu sucesso". (Paulo Gracindo, revista Audiência)



PUFS

Janota foi um costureiro que morreu na miséria.

Tabulação é o cálculo pra ver se o andaime cai ou não.

Gelosia é um frio que dá na barriga, quando se vê a namorada.

Gamela é a paixão pela arte culinária.

"Go ahead" é uma giria inglesa que significa "cabecinha-de-ouro"

Gago Coutinho jamais conseguiu pronunciar a palavra "avião"

Mescalero é um escalpo todo colorido.

Pelourinho era os filhos de escravos que tinham olhos azuis.

Graham Bell é uma canção natalina que se ouve pelo telefone.

Episcopal é uma moléstia que ataca a vista dos padres.

Guilherme Tell comia maçãs com arco e flexa.

Braguilha foi um toureiro que se valia de golpes baixos.

Esôfago foi um grego fabuloso.

Malta é uma bebida que se dá aos cachorros, na Escócia.

Desdemona é o pouco-caso que as loiras devotam aos negros.

Diatribes são os dias de folga dos funcionários da Funai.

Pocilga é um buraquinho cheio de água suja.

Menestrel é uma sopa de legumes famosa desde a Idade Média.

Esfinge é um comida árabe cuja receita ninguém conhece.

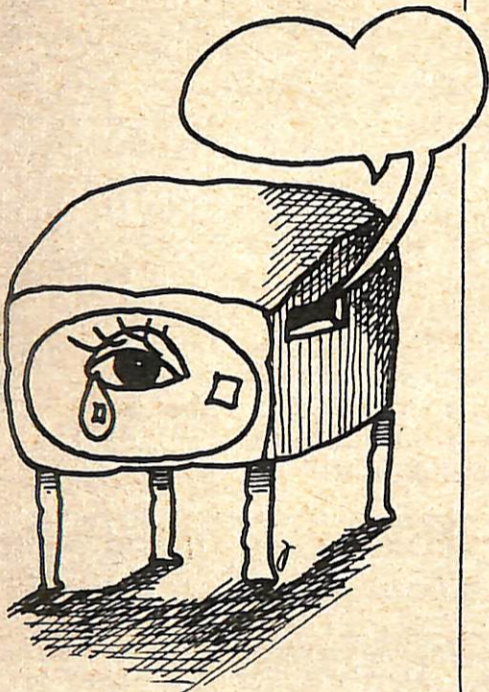
Custódia mandou prender o próprio marido.

Zarteu

CITAÇÕES — I

“José Rubem Fonseca (...) o autor de *Feliz Ano Novo* é homem bastante amadurecido para, sem pretensão, olhar para trás e reler com ironia e piedade *Madame Bovary*, *o Amante de Lady Chatterley*, *Ulisses* e tantas outras obras acidental e provisoriamente embargadas pela ignorância ou pelo preconceito de políticos e magistrados. Ele pode reler tranquilamente esses livros, refazer-se de sua emoção e desejar ao Ministro da Justiça que o condenou um feliz ano novo. Ele o merece”. (Carlos Castello Branco, no *Jornal do Brasil*)

CITAÇÕES — II



“Se eu fosse responsável pela programação de novelas voltaria a fazer dramalhões. Atacaria de Glória Magadan,

e quem quisesse que reclamasse (...) Por que uma novela que fala de problemas reais dos casais da nossa sociedade não pode ir ao ar e os seriados importados, que só espalham a violência, nunca tiveram problemas com a Censura?” (Rosa Maria Murinho, a Rejane da novela “Despedida de Casado”, proibida pela Censura)

CITAÇÕES — III



“Benito di Paula veio preencher o vazio que Wilson Simonal deixou (...) Enfim, cada um tem o Chico Buarque que merece”. (Margarida Autran, em *O Globo*, comentando a estréia do show de Benito di Paula no Teatro Vivará, no Rio)

SEGREDOS DA COMUNICAÇÃO

Assisti um filme ótimo no “Cine Color”, do Canal 13, outro dia. Só não sei o nome dele. Perdi a apresentação e a Bandeirantes apesar dos mil intervalos comerciais, não anuncia o filme que está levando. (E.M.)

OS PENSADORES

Há tempos eu tinha ouvindo um anúncio de TV proclamar que “liberdade é uma calça velha azul e desbotada”, mas não cheguei a preocupar-me. Então, pouco antes da final do Campeonato Brasileiro, assustei-me com um cartaz colorido pregado à porta de um banco. Tinha uma foto do time do Corinthians e esta frase: “Um grande banco acompanha sempre os maiores momentos de um povo”.

Há poucos dias, o golpe definitivo: dentro de outro banco encontro um cartaz enorme proclamando que “liberdade é uma caderneta de poupança”

Estou definitivamente convencido de que há publicitários considerando-se legítimos sucessores dos pensadores políticos, chasse atualmente em maré baixa. (S.R.)



N&O

MENTIRAS DA COMUNICAÇÃO

Na chamada do último “Globo Repórter” o locutor dizia que a gente ia ver a carreira de Cary Grant, Katherine Hepburn e Spencer Tracy, entre as muitas histórias das estrelas que não morrem jamais. No programa, a Rede Globo mostrou uma cena de uma comédia de Grant, dois flashes de filmes de Tracy, quatro fotos e uma cena a respeito de Hepburn. E o bobo lá, ligado. (E.M.O)

ELE MERECE, ELE MERECE!

Já está decidido quem receberá o prêmio de melhor alegoria no carnaval de 77: o imenso painel plantado desde as eleições de novembro na praça Governador Pedro de Toledo. Depois de servir de placar com o nome dos candidatos e a propaganda de algumas firmas, o painel prosseguiu firme, enfeitou-se para as festas de fim de ano (tem até um refletor para que os transeuntes, à noite, não percam aquela maravilha de poluição visual).

E já foram categoricamente desmentidos os boatos que as más línguas andaram falando de que os responsáveis pela coisa (JJ-Difusora) receberam convite para apresentar sua obra no baile do Municipal, no Rio. Os juniaenses terão o privilégio de ver aquilo tudo até quando Deus o perraitir. (Kazu)



Faculdades “PADRE ANCHIETA” de Jundiaí
 Rua Marcílio Dias, 299 fone, 434-1763
VESTIBULAR 77
 ECONOMIA - ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS - CIÊNCIAS CONTÁBEIS - LETRAS: português / inglês (licenciatura plena)
 CIÊNCIAS - DIREITO - PEDAGOGIA: administração escolar 1.º 2.º graus e magistério
 INSCRIÇÕES: ABERTAS
 TODOS CURSOS RECONHECIDOS
 EXAMES: 24 A 27 DE JANEIRO / 77

COMÉRCIO DE COUROS
 Rua Dr. Torres Neves, 338
 Bola futebol n.º 1 - 60,00
 Bola futebol n.º 2 - 74,00
 Bola futebol n.º 3 - 97,00

AÇOUGUE E CASA DE CARNES MARCIO CACEZES
 Rua Senador Fonseca, 1032
 Entregas à domicílio
 Fone - 64880

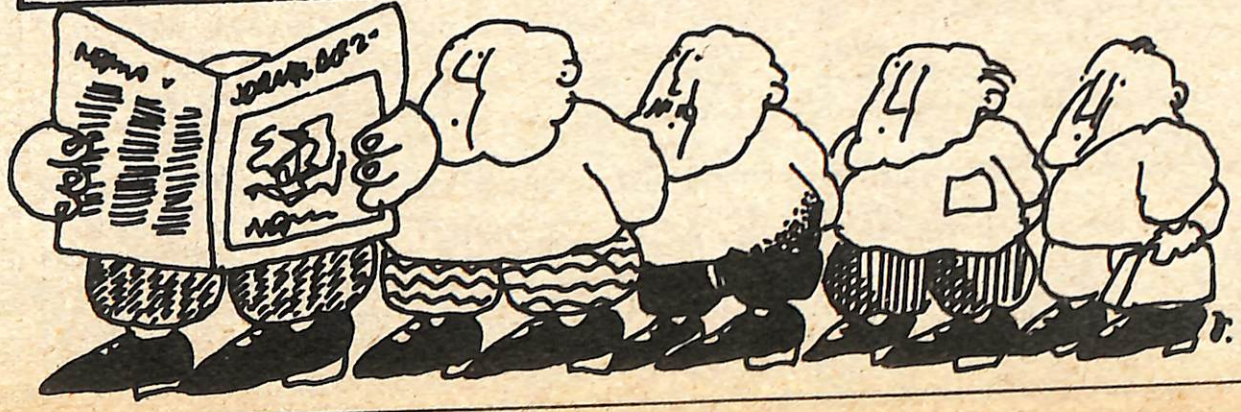
FOTO LUIZ
 Agora em novas instalações.
 Rua São José, 22

FOTO GELLI
 Rua do Rosario, 334
 Fone 4-2253

Advocacia
 dr. Ademercio Lourenção
 dr. Alcimar A. de Almeida
 dr. Francisco V. Rossi
 R: SIQUEIRA DE MORAIS N-578 TANDAR EDIFÍCIO MARLU

JORNAL DE 2ª
JORNAL DE 2ª
JORNAL DE 2ª
 EDIÇÃO EXTRA
 ISEI QUER ENTREGAR 120.000 M2 DA CIDADE EM TROCA DE 3.000 M2 PARA A AVENIDA. OS A CÂMARA PODE IMPEDIR.

LEIA E ASSINE O JORNAL DE 2ª.
UM JORNAL DE MUITA COR E MUITO PRETO NO BRANCO.



OS MENINOS LIXEIRO

Fotos: Renato Bezzan

SOLUÇÃO PARA A FALTA DE MÃO-DE-OBRA

Desde janeiro de 1974, a Limpar Construções e Comércio Ltda vem empregando menores para fazer a limpeza das ruas. Atualmente, existem 13 meninos, de 17 e 18 anos, que varrem as ruas todos os dias, e geralmente são trazidos por pais ou parentes que já trabalham na empresa.



José Luiz Betelli

O dono da Limpar, José Luiz Betelli, disse que sua firma não faz restrições quanto a idade dos meninos, porque

entre os 17 e 18 anos é difícil arrumar emprego devido ao alistamento militar.

— Nós temos dois objetivos — disse José Luiz — ao contratar esses meninos: um deles é para suprir a mão-de-obra adulta, que sempre é escassa, e a outra é para dar ocupação a esses menores.

Não se leva em conta nessa empresa a questão de economia nos salários, porque nos três primeiros meses, que é o estágio, o varredor ganha 3,50 por hora, mais a insalubridade de 20% e mais uma bonificação, que varia de 50 a 170 cruzeiros mensais, dada conforme a frequência.

Para José Luiz Betelli, sempre houve déficit de mão-de-obra e esses meninos vieram contrabalançar o número de funcionários, que agora é de 280.

Dos treze meninos, dez foram trazidos pelos parentes, que trabalhavam na firma e os outros três mandados por entidades assistenciais, pois já estavam em idade para trabalhar.

“Dois meninos que trabalhavam como varredores de rua continuaram e agora são coletores de lixo. Aqui dentro eles são estimulados a trabalhar, podendo aprender outras profissões como a de mecânico, ou motorista e atingir salários mais altos”, finalizou Betelli, que concluiu: “a profissão de lixeiro será muito valorizada nos próximos 4 ou 5 anos”.

UM TRABALHO DIGNO

Na condição de Juiz de Menores, Juiz da Terceira Vara e Juiz Corregedor dos Presídios, Antônio Gomes do Amorim, opina sobre o menor que trabalha para empresas de serviços públicos:



Juiz Amorim

“Pelas leis trabalhistas há uma necessidade de um número mínimo de menores nas empresas. Em todas as firmas de Jundiaí, existem menores em seu quadro de funcionários. A “Limpar” foi uma que recolheu estes menores. Para aqueles que não possuem catorze anos de idade o juizado está fornecendo autorizações. Em minha opinião, todo o trabalho é digno. Os menores estão sendo empregados em grande número e não tivemos reclamação nenhuma ou qualquer fato ocorrido em contrário ao interesse destes menores.

Segundo o juiz Amorim, existe um plano em favor dos menores de Jundiaí, lembrando o fato dos guardinhas de nossa cidade:

“Não acredito na marginalização destas crianças. O problema dos guardinhas por exemplo, foi uma medida de

emergência que tomamos para que essas crianças tivessem uma ocupação. Existem muitos menores trabalhando por aí. Isso em vista da necessidade que tem em ajudar suas famílias. Não podemos evidentemente empregar a todos. Mas já temos um plano feito. Neste próximo ano agruparemos na medida do possível a todos os menores que estiverem em fase de formação. Será uma entidade que se comprometerá em dar condições para um preparo escolar e até profissional”.

Das seis às 15 horas, treze menores estão varrendo algumas ruas de Jundiaí. Mostrando-se um pouco contraindo e apressados em ir embora, seis deles foram entrevistados quando voltaram do serviço e falaram o porquê dessa opção de trabalho.

“Não tá ajustando” — foi a resposta que alguns garotos receberam ao procurar emprego nas fábricas. João Batista Vieira chegou da Bahia há sete meses e só agora conseguiu se empregar como lixeiro: “Fui num monte de fábricas e nada”. Eleseu Alves Ferreira tem 14 anos e encontrou dificuldades maiores: “eu fiquei um ano procurando emprego, eles diziam que eu era muito pequeno mas eu queria fazer qualquer coisa”.

Luís Carlos Rossi já trabalhou numa fundição, mas como ele disse “queimei o pé e não quis mais mexer com ferro”. João Roberto Sales foi mandado embora de dois empregos, ora por falta de serviço, ora por não ter passado nos testes. Luís Antonio de Medeiros diz que nunca havia procurado emprego pois sua tia não queria que ele parasse de estudar, mas o tio, que trabalha na Limpar, conseguiu colocá-lo lá dentro e ele acabou deixando a escola.

tro e ele acabou deixando a escola.

Nenhum deles está estudando, pararam no primário. Quando lhes foi perguntado se não sobrava tempo para estudar à noite, João Batista disse meio baixo e desanimado: “a gente caminha o dia inteirinho, fica cansado. Acho que vai ser difícil voltar a estudar. Eu não posso largar o serviço porque vai fazer falta lá em casa”. Eleseu tem o mesmo problema — “eu bem que preferia estudar, mas não dá. Lá em casa sou eu, minha mãe e meu pai quem trabalha. Eu dou o dinheiro para os gastos e um pouquinho fica pra mim comprar doce, cigarro”. João Roberto tentou entrar no Senai, mas não conseguiu; Luís Carlos começou a repetir de ano e desanimou: “Talvez eu volte, mas lá perto de casa nem tem vaga”.

O dinheiro de todos vai para as despesas de casa, mas sempre sobra um pouquinho, como diz Luís Antonio (chamado de gordo pelos colegas) para comprar doce, sorvete, refresco.

Todos disseram estar satisfeitos com o trabalho mas gostariam de ter outras profissões: Luís Antonio e José Bispo de Oliveira gostariam de ser mecânicos, João Roberto quer fazer eletrônica, Eleseu quer ficar num navio e João Batista quer ser motorista. Só Luís Carlos é que queria ser ele mesmo, trabalhando como lixeiro.

Quando se perguntou se Jundiaí era uma cidade difícil de manter limpa, eles não souberam dizer. João Roberto fala que às vezes acontece algo que ele não sabe se é de propósito ou não: “a gente acaba de varrer e vem alguém jogando sujeira atrás. Na campanha política então, chegavam a me jogar papel na cara”. Para Eleseu o problema são as árvores — “eu to varrendo as folhas daí vem o vento e tem que fazer tudo de novo”.



Luís Carlos



Eleseu



Luís Antonio



João Roberto



João Batista

TRABALHO SIM, MAS COM ESCOLA.

Além de diretor proprietário da Brasil Escolas Reunidas, Emílio José dos Santos também leciona em dois de seus cursos profissionalizantes. A escola fica na rua São José onde funciona há onze anos. Abordando o tema dos menores no serviço público, Emílio dá sua opinião:

“O menor de catorze anos de idade pode perfeitamente trabalhar nesse serviço, mesmo porque é utilizado por outras empresas como mão de obra. Mas deveria ser pelo menos alfabetizado. E dentro do possível, orientado em uma profissão. O serviço de limpeza pública, não dá ao menor uma formação profissional. A noite de-

veriam ser encaminhados ao Senai ou outra escola, profissionalizante ou não. O homem tem necessidade, hoje em dia, de uma profissão. Essa iniciativa deveria partir da empresa interessada. Se ela não orientar, o menor será prejudicado. Isso tudo, desde que a lei e as autoridades competentes permitam que o menor trabalhe. Valendo-me disso posso afirmar que a C.L.T. diz o seguinte:

“O empregador que deseja contratar menores para sua empresa ou estabelecimento comercial, deverá conceder-lhe o tempo necessário para frequentar a escola em cursos regulares e profissionalizantes, como por exemplo, os do Senai, Sesi ou Senac”



Emílio José